



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Engenharia

Uma casa com passado, um passado com futuro: Reabilitação de habitação vernacular

Francisco Manuel Vieira Gomes Henriques

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em:

Arquitetura

(Ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Fernando Manuel Leitão Diniz

Covilhã, outubro de 2018

Aos meus pais.

Agradecimentos

No seguimento do desenvolvimento desta dissertação, não posso deixar de demonstrar o meu sincero agradecimento a diversas pessoas, que se demonstraram fundamentais para a sua concretização.

Em primeiro lugar, à minha família, pelo apoio incondicional e força transmitida ao longo desta etapa.

Ao professor Doutor Fernando Manuel Leitão Diniz, pela orientação prestada, disponibilidade e apoio que sempre demonstrou ao longo deste percurso.

Por fim, aos meus colegas de curso e amigos, dedico-lhes a minha amizade e a profunda gratidão.

Resumo

A aldeia de Pereira é o cenário onde se insere este trabalho, que propõe a reabilitação de uma casa de arquitetura vernacular, atualmente devoluta. O seu uso foi-se alterando ao longo dos anos, conforme esta foi passando de geração em geração, sendo originalmente de uso misto, habitação no piso superior e curral no piso térreo. Hoje serve apenas como local de arrumos de algumas alfaias antigas. Posto isto, esta intervenção pretende evitar a entrada em decadência da casa, dado que esta se encontra ainda em bom estado de conservação a nível de alvenarias, executando para isso um projeto de reabilitação que a adequa aos novos modos de ocupação de casas deste tipo.

Inicia-se o processo projetual, pela análise cuidada das potencialidades do edifício, assim como da região onde o mesmo está implantado. Por ser uma região caracterizada por uma envolvente maioritariamente agrícola e florestal, com as paisagens e a tranquilidade típica do meio rural onde se insere, torna-se pertinente que o novo uso deste edifício tenha a função de retiro, explorando assim as características que o tornam particularmente atrativo.

O programa prevê que com este projeto de reabilitação, o edifício passe a ser capaz de dar uma resposta ao nível das exigências técnicas atuais, desde segurança a eficiência térmica e de conforto, que respeite o desenho original da casa, e que fundida com uma linguagem contemporânea, esta se torne atrativa e capaz de cativar quem procura um retiro no espaço rural.

Palavras-chave:

Arquitetura vernacular; Casa rural; Ruína; Reabilitação; Arquitetura Modular

Abstract

The village of Pereira is the scenery where this work is placed, proposing the rehabilitation of a house of vernacular architecture, currently devolute. Its use has been changing over the years, as it has been passed from generation to generation, being originally mixed use, housing upstairs and corral on the ground floor. Today it serves only as a storage place for some old implements. This being said, this intervention intends to anticipate the entrance into decay of the house, since its masonry is still in a good state of conservation, executing for this a rehabilitation project that will suit the new living forms for houses of this type.

The design process begins, by a careful analysis of the potential of the building, as well as the region where it is located, because it is characterized by a mostly agricultural and forestry environment, with vast landscapes and the typical tranquillity of the rural environment where it is inserted. As such it becomes pertinent for the new use of this housing to have a retreat function, thus exploiting the characteristics of the site and the building that make it particularly attractive.

The program intends that with this rehabilitation project, the building will be able to respond to the current technical requirements, from safety to thermal efficiency and comfort, that also respects the original design of the house, and that fused with a contemporary language, this will become attractive and capable of captivating those looking for a retreat in rural space.

Keywords:

Vernacular architecture; Rural house; Ruin; Rehabilitation; Modular Architecture

Índice

1	Capítulo 1 – Introdução	1
1.1	Justificação da temática	2
1.2	Objetivos	2
1.3	Estado da arte	3
1.4	Metodologia	3
1.5	Estrutura	4
2	Capítulo 2 – Contextualização Geográfica	7
2.1	Concelho de Celorico de Basto	9
2.2	Freguesia de Basto (São Clemente)	12
3	Capítulo 3 – O Caso de Estudo	13
3.1	Enquadramento histórico	15
3.2	O Lugar	21
3.3	Volumes habitacionais	23
3.3.1	Volume original	25
3.3.2	Alterações e anexos	33
4	Capítulo 4 – Levantamento Arquitetónico	35
4.1	Registo gráfico e fotográfico do objeto	36
4.2	Levantamento direto	40
4.3	Levantamento fotogramétrico	42
5	Capítulo 5 – Projeto	47
5.1	Intensões e procura do conceito	48
5.2	Evolução da ideia	49
5.2.1	A casa	49
5.2.2	O cubo	51
5.2.3	O braço	53
5.2.4	Espaços exteriores	55
5.3	Maquete da proposta	62
6	Considerações finais	67
	Referências bibliográficas	69
	Anexos	73
	Anexo I - Transcrição da entrevista a Manuel Henriques	74
	Anexo II - Relatório de levantamento do edifício	78

Lista de Figuras

Figura 1 - Localização geográfica do concelho de Celorico de Basto.....	8
Figura 2 - Fotos de algumas atrações locais	10
Figura 3 - Fotografia do Castelo de Arnoia e paisagem envolvente (Serras do Alvão e Marão) 11	
Figura 4 - Fotografia da fachada sudeste do objeto de estudo	14
Figura 5 - Fotografia do Sr. Manuel na aldeia de Pereira	15
Figura 6 - Esquízo em corte longitudinal - Organização e vivências na casa.....	16
Figura 7 - Fases de construção das paredes.....	17
Figura 8 - Esquízo fases de construção das paredes a partir do penedo existente.....	17
Figura 9 - Fachada de alvenaria de pedra de formas e tamanhos irregulares	18
Figura 10 - Foto com identificação do limite da rocha maciça com alvenaria de pedra.....	18
Figura 11 - Estrutura da cobertura em madeira.....	19
Figura 12 - Telhas originais da casa	20
Figura 13 - Vista sobre a paisagem envolvente.....	21
Figura 14 - Fotografia aérea da aldeia com identificação, a vermelho, da área de intervenção	22
Figura 15 - Alçado sudeste com 2 volumes e espigueiro em destaque	23
Figura 16 - Esquízo de estudo do objeto.....	24
Figura 17 - Planta rés do chão à esquerda, 1º piso à direita e corte ao fundo (s/escala)	25
Figura 18 - Acesso ao 1º piso, de habitação.....	26
Figura 19 Acesso à casa.....	27
Figura 20 - Alçado sudeste (s/escala)	27
Figura 21 - Fotografia pelo interior da única janela do piso de habitação	28
Figura 22 - Esquízo de vãos e cunhais de granito	29
Figura 23 - Uso de blocos de maior dimensão nas soleiras, ombreiras e padieiras	30
Figura 24 - Pormenores de funcionamento das portas	31
Figura 25 - Anexos e espigueiro construídos posteriormente	33

Figura 26 - Esquços da fachada nordeste e perspetiva da casa, respetivamente.	36
Figura 27 - Esquços com videiras em frente à fachada sul e esquços de porta e janela.	37
Figura 28 - Registo fotográfico do exterior da casa	38
Figura 29 - Registo fotográfico do interior da casa e anexos	39
Figura 30 - Esquços de levantamento em corte	40
Figura 31 - Esquços de levantamento de plantas e alçados	41
Figura 32 - Exemplo de colocação de alvo	42
Figura 33 - Alvo	42
Figura 34 - Esquços de levantamento com coordenadas	43
Figura 35 - Fotomosaico com identificação de alvos e eixos de referência	44
Figura 36 - Fotomosaico no seu formato final	44
Figura 37 - Desenho do alçado em sobreposição ao fotomosaico	45
Figura 38 - Desenho técnico final de representação do alçado	45
Figura 39 - Esquço de ganhos solares ao eliminar a laje	49
Figura 40 - Distribuição original com separação de áreas pelos seus elementos	50
Figura 41 Diagrama do Cubo	52
Figura 42 - Diagrama do novo volume (Braço).....	54
Figura 43 Esquço de diferentes áreas, exposição solar, vistas e sombra	55
Figura 44 - Esquços da procura da forma	56
Figura 45 - Negativo da fogueira.....	57
Figura 46 - Perspetiva da área de lazer.....	57
Figura 47 - Esquço em corte pela área de refeições.....	58
Figura 48 - Conceito de paralelepípedo semienterrado	58
Figura 49 - Circunferências em volta dos elementos essenciais.....	59
Figura 50 - Forma final	60
Figura 51 - Interligação de circunferências	60
Figura 52 - Conjunto de fotografias da maquete de estrutura da proposta.....	62

Figura 53 - Conjunto de fotografias da maquete de estrutura da proposta 63

Figura 54 - Conjunto de fotografias da maquete da proposta final..... 64

Figura 55 - Conjunto de fotografias da maquete da proposta final..... 65

Capítulo 1 - Introdução

1.1 Justificação da temática

A escolha do tema para esta dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura remeteu o autor a muito antes de sequer sonhar o que era ser um arquiteto, das questões não só técnicas, como as de natureza conceptual e moral a que a profissão exige. Esta oportunidade de reflexão remete-o sim para os seus tempos de infância, em que brincava nas ruínas destas casas centenárias, a cada domingo que ia com os seus pais visitar os “avós de Pereira”. Olhava à sua volta e questionava-se por que razão uma terra, que a seus olhos tinha tanto para oferecer, parecia tão pacata e só, deixando que a natureza, a pouco e pouco, se fosse apoderando dela.

Foi assim surgindo o interesse de intervir nesta pequena aldeia, em forma de fantasia enquanto criança, e que evoluiu ao longo dos anos até algo bem real e concreto, levando-o a ganhar interesse em explorar o tema da reabilitação durante a sua formação académica.

Assim, perante uma casa de arquitetura vernacular mandada construir pela sua trisavó durante a primeira década do século XX, e que se encontra na sua família desde então, é pretendido criar a possibilidade de uma nova etapa para esta, precedendo a sua entrada em decadência e consequente estado de ruína.

Paralelamente a esta vontade pessoal, é também de grande importância este tipo de estudo a nível científico, pois contribui para uma melhor perceção do estado atual da arquitetura vernacular em Portugal, e de como esta pode ganhar uma nova utilidade através de um programa projetual coerente, que permita a reabilitação do edifício sem que este perca a sua identidade e possibilite a reversibilidade da mesma se assim for necessário no futuro.

1.2 Objetivos

O objetivo principal desta dissertação centra-se na conceção de um projeto de reabilitação com o intuito de criar um abrigo em meio rural. Existem para isso uma série de etapas precedentes à sua execução, afim de definir um programa capaz de delinear a melhor estratégia a seguir.

Primeiramente fazer uma análise abrangente do concelho e freguesia. De seguida, partir para o local afim de obter uma compreensão total do objeto de estudo, como foi feita, quem a habitou e quais os usos que lhe foram dados até aos dias de hoje. Descrever o seu estado de conservação atual, quais as patologias visíveis, problemas que possam limitar o projeto e, ao mesmo tempo, que potencialidades apresenta que possam valorizar a sua reabilitação.

Concluídas estas etapas, pretende-se que o trabalho final seja capaz de aliar a pré-existência com uma arquitetura contemporânea, focada na interação entre os espaços interiores e exteriores da casa, tirando assim partido de todas as potencialidades do local e gerando uma experiência interessante para os seus utilizadores.

1.3 Estado da arte

A reabilitação de casas vernaculares é um tema de crescente discussão por estar diretamente ligado a uma busca cada vez mais notória por retiros em meios rurais e a sua ligação ao campo e à natureza. Passo assim a destacar cinco exemplos recentes neste meio, cada um com uma ou mais particularidades que os tornam uma referência para este trabalho.

Em primeiro lugar a Casa em Sequeiros, reabilitada pelo Topos Atelier de Arquitectura, pela maneira como fundem a pré-existência com um novo volume, através do jogo de materiais entre a pedra e o aço corten. Seguindo a mesma lógica, também os Pitágoras Group conseguem essa leitura na Quinta da Laje, mas desta vez recorrendo à cor sangue-de-boi, pintada sobre a madeira do novo volume, para obter a fusão deste com elementos existentes na casa original, pintados na mesma cor.

Já Nuno Brandão Costa é o autor da Casa em Melgaço, uma intervenção particularmente interessante por desconstruir a fachada original da casa. Abre nesta um vão de grandes dimensões suportado por uma viga de aço, no topo da qual se mantém a restante parede em ruína. Preserva assim a memória do edifício, enquanto lhe confere ganhos solares e uma linguagem contemporânea.

Na Reconversão de um Palheiro em Cortegaça, João Mendes Ribeiro opta pela criação de um piso intermédio no edifício, gerador da divisão entre o espaço de estar e de dormir. Com isto, mantém uma planta aberta em que, através da diferença de cotas, a privacidade do quarto é mantida.

Por último, na Casa em Azeitão, os arquitetos Aires Mateus criam espaços habitáveis no interior de módulos cúbicos, mantendo o efeito de uma área aberta em que os próprios módulos preenchem e dividem o espaço pré-existente.

1.4 Metodologia

Do ponto de vista metodológico, este é um trabalho prático. Trabalho esse que se sustenta numa recolha de informação feita desde o panorama mais abrangente até ao contacto direto com o objeto de estudo, recorrendo a diversos métodos de investigação.

A primeira parte é fruto de uma investigação documental onde, através de livros sobre o concelho de Celorico de Basto, é feita a sua contextualização histórica e geográfica, assim como a sua importância a nível cultural e económico para a região.

Seguidamente, efetua-se a documentação inicial sobre a casa, baseada muito na observação direta do local, documentando-a através de fotografias, notas de campo e esboços, onde foram identificados e registados os seus diferentes materiais, técnicas construtivas e organização espacial. Foi feita também uma entrevista aos proprietários que se mostrou essencial para a devida compreensão da casa, desde a maneira como foi construída, até ao porquê da forma simples como está organizada.

Por fim foi feito o levantamento da casa, recorrendo ao método de levantamento fotogramétrico, que aliado às medições através de fita métrica e laser, possibilitaram uma leitura e compreensão precisa do objeto a intervir.

1.5 Estrutura

O presente trabalho irá ser dividido em cinco fases.

Em primeiro lugar, fazer uma breve apresentação do concelho e da freguesia onde o objeto de estudo se insere.

A segunda fase compreende um diagnóstico ao estado atual da habitação, descrevendo os seus problemas, potencialidades e possíveis patologias. Mediante os resultados deste, será definida uma estratégia a tomar para a reabilitação deste edifício.

Posto isto, partimos para a terceira fase: o levantamento do edifício. Para isso será utilizado o método de levantamento fotogramétrico, afim de obter um desenho preciso do mesmo.

É de notar que este método é particularmente útil, pois trata-se de uma habitação com paredes em blocos de granito, talhados de forma tosca e com tamanhos e formas variáveis, tornando-se assim essencial que cada um desses blocos seja desenhado para uma correta leitura do edifício e das suas fachadas.

Passamos para a quarta fase do trabalho, centrada na busca de um conceito que suporte as escolhas arquitetónicas a serem tomadas. Esta fase será essencialmente de procura de formas, funções e materiais que liguem a nova intervenção às pré-existências e aos seus espaços envolventes. Será usado o esboço como forma de representação, aliado ao material fotográfico obtido nas fases anteriores, essencial para perceber como foram surgindo as ideias e a sua evolução até à forma final.

Concluídas estas tarefas passamos à quinta e última fase: o projeto de reabilitação. Nesta é procurado responder ao programa definido, através de uma arquitetura de linguagem contemporânea que abrace a arquitetura vernácula pré-existente.

Uma casa com passado, um passado com futuro: Reabilitação de habitação vernacular

Capítulo 2 - Contextualização Geográfica

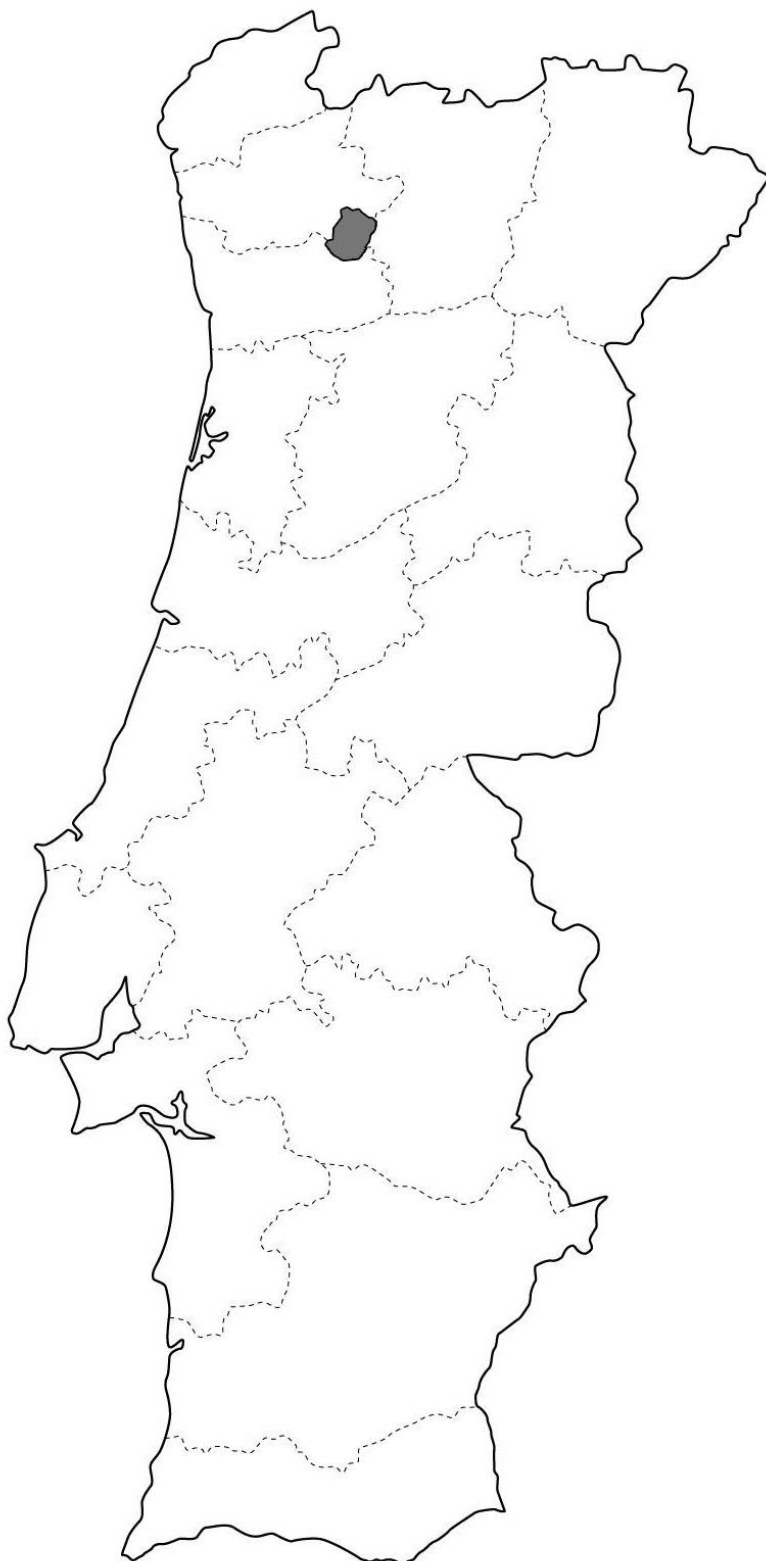


Figura 1 - Localização geográfica do concelho de Celorico de Basto

2.1 Concelho de Celorico de Basto

Celorico de Basto é um concelho do distrito de Braga, região Norte e sub-região do Tâmega, com 181,07 km² de área¹ e 20 098 habitantes², subdividido em 15 freguesias³. O município tem os seus limites definidos a norte por Cabeceiras de Basto, a leste por Mondim de Basto, a sul por Amarante, a sudoeste por Felgueiras e a oeste por Fafe.

Este é um concelho marcadamente rural, onde a ocupação dominante da sua população era, até finais do século passado, a atividade agrícola. A emigração teve também um peso bastante significativo no século passado, para o Brasil numa primeira fase, e nas décadas de 60 e 70 para França e Suíça. Hoje o cenário que encontramos é bastante diferente. Celorico de Basto encontra-se num processo de mudanças profundas, onde o seu aparelho económico deixou de ser movido unicamente pelo setor primário como acontecia até então, e os setores como o turismo, construção civil, indústria, comércio e serviços são hoje os grandes empregadores do município. No entanto, a produção de vinho verde, especialmente ao longo do Vale do Tâmega, assim como a pecuária nas regiões mais montanhosas, ainda continuam a ter um peso significativo na economia local.

A grande ligação da população à exploração agrícola por conta própria, resulta na criação de pequenas propriedades de exploração agrícola onde se inserem as habitações pessoais. Ora este facto, em termos de malha urbana do concelho, faz com que haja uma grande dispersão do parque habitacional. Como tal, a vila de Celorico de Basto, sede de concelho, representa o aglomerado urbano de maior expressão, seguida das vilas de Fermil e Gandarela. É nestes centros que se encontram a grande maioria das indústrias e dos serviços públicos e comerciais. Podemos destacar os polos industriais da Mota, Lameira e Britelo, a Biblioteca Municipal e Centro Cultural Professor Marcelo Rebelo de Sousa, a Zona Verde do Freixieiro ou as diversas piscinas municipais, que se revelam um passo importante na dinamização da cultura, lazer, economia e modernidade do concelho. É ainda de destacar a Festa Internacional das Camélias assim como a Feira de Artesanato e Gastronomia.

¹ Informação obtida pelo Instituto Geográfico Português, CAOP 2013.

² Informação obtida pelo Serviço Nacional de Estatística. Censos 2011.

³ Informação obtida pelo Diário da República. Reorganização administrativa do território das freguesias (2013).



Figura 2 - Fotos de algumas atrações locais

Do património arquitetónico do concelho é de destacar os edifícios inseridos na Rota do Românico, sendo estes o Castelo de Arnoia (século X), a Igreja do Divino Salvador de Ribas (século XII), Igreja de Santa Maria de Veade (século XIII) e a Igreja do Salvador de Fervença (século XIII). Existem ainda algumas casas brasonadas: Solar do Souto (século XVII), da Veiga, do Pomar, da Gandarela, do Campo (séculos XVII- XVIII), da Boavista e do Outeiro (séculos XVIII), do Prado (século XVIII). Os pelourinhos do Castelo e de Celorico de Basto também fazem parte do património do concelho.



Figura 3 - Fotografia do Castelo de Arnoia e paisagem envolvente (Serras do Alvão e Marão)

2.2 Freguesia de Basto (São Clemente)



A freguesia de (Basto) São Clemente é constituída por 11 localidades (lugares), com uma população de 1524 habitantes⁴ distribuídos pelos seus 15,41km² de área, sendo a sua densidade populacional de 98,9 hab/km².

Localiza-se no extremo norte do concelho de Celorico de Basto, delimitando a fronteira com o concelho de Fafe a norte, e com as freguesias de Ribas a sul e Rego a sudoeste.

No que diz respeito ao seu património arquitetónico, temos como referências de maior relevo o Solar do Souto, a Casa da Gandarela, a igreja paroquial de São Clemente e, mesmo ao lado da Aldeia de Pereira, a Casa do Penedo, local mítico pelo facto de ter sido construída entre quatro penedos (rochas de grandes dimensões) que integram a própria estrutura da casa.

Como curiosidades locais podemos apontar a ligação da freguesia a duas personalidades, em particular a avó do atual presidente da República, Professor Marcelo Rebelo de Sousa - a “avó Joaquina”, o que motivou uma forte ligação do presidente ao concelho. Como resultado dessa ligação podemos encontrar hoje, por exemplo, uma importante e extensa doação de livros feita pelo presidente à biblioteca municipal do concelho, batizada com o seu nome, assim como o Centro Cultural Professor Marcelo Rebelo de Sousa já referido anteriormente. A segunda personalidade de referência é o Cardeal Dom António Ribeiro, patriarca de Lisboa (1971 - 1998) nascido na Aldeia de Pereira, onde é ainda possível ver a casa onde este nasceu e viveu parte da sua juventude.

⁴ Informação obtida pelo Serviço Nacional de Estatística. Censos 2011.

Capítulo 3 - O Caso de Estudo



Figura 4 - Fotografia da fachada sudeste do objeto de estudo

3.1 Enquadramento histórico

O terceiro capítulo é de grande importância, pois descreve o primeiro contacto com o objeto de estudo. Neste, foi procurada informação sobre a habitação, afim de definir o seu enquadramento histórico, de quando é datada a sua construção, por quem foi habitada, que funções teve ao longo dos tempos e que alterações sofreu. Numa segunda fase, é feito o levantamento arquitetónico do edifício afim de ter um reconhecimento preciso das suas dimensões, volumes e fachadas.

Afim de obter informações sobre o objeto de estudo, foi necessário recorrer aos atuais proprietários, os quais se mostraram sempre disponíveis, e de onde resultaram diversas entrevistas informais, importantes para obter um panorama geral sobre o mesmo. Posteriormente, foi feita uma entrevista ao proprietário (Anexo 1), o Sr. Manuel Henriques, avô do autor desta dissertação, que se revelou um elemento essencial para a compreensão total da história do edifício.



Figura 5 - Fotografia do Sr. Manuel na aldeia de Pereira

Segundo o Sr. Manuel, a casa foi construída por volta de 1900. Foi mandada construir pela sua avó para nela habitar com os seus 4 filhos. No entanto, esta faleceu pouco depois de a ter construído, quando a mãe do Sr. Manuel tinha apenas 8 anos. Ainda assim a casa permaneceu sempre na família, tendo pertencido aos 4 irmãos, sendo posteriormente herdada pela mãe do Sr. Manuel e pertencendo agora ao próprio.

Era no primeiro piso que se localizava toda a área habitacional, com os seus modestos 35m². Despida de qualquer tipo de divisórias, a casa era completamente aberta, afim de maximizar o espaço. As áreas eram então definidas por caixas de madeira, onde se armazenavam cereais, milho, batatas, entre outros. Ao fundo a zona de dormir, ao centro uma área de estar e à entrada a área de cozinha e refeições, todas separadas por essas mesmas caixas. Este foi um pormenor de grande importância na definição do conceito da intervenção, como se poderá verificar mais à frente, no capítulo 4.

No piso do rés do chão, encontrava-se o curral, com duas divisórias que separavam os animais de diferentes espécies, entre gado bovino, caprino ou suíno, e que, ao mesmo tempo, servia de aquecimento natural para o piso superior, apesar de acarretar odores menos agradáveis.

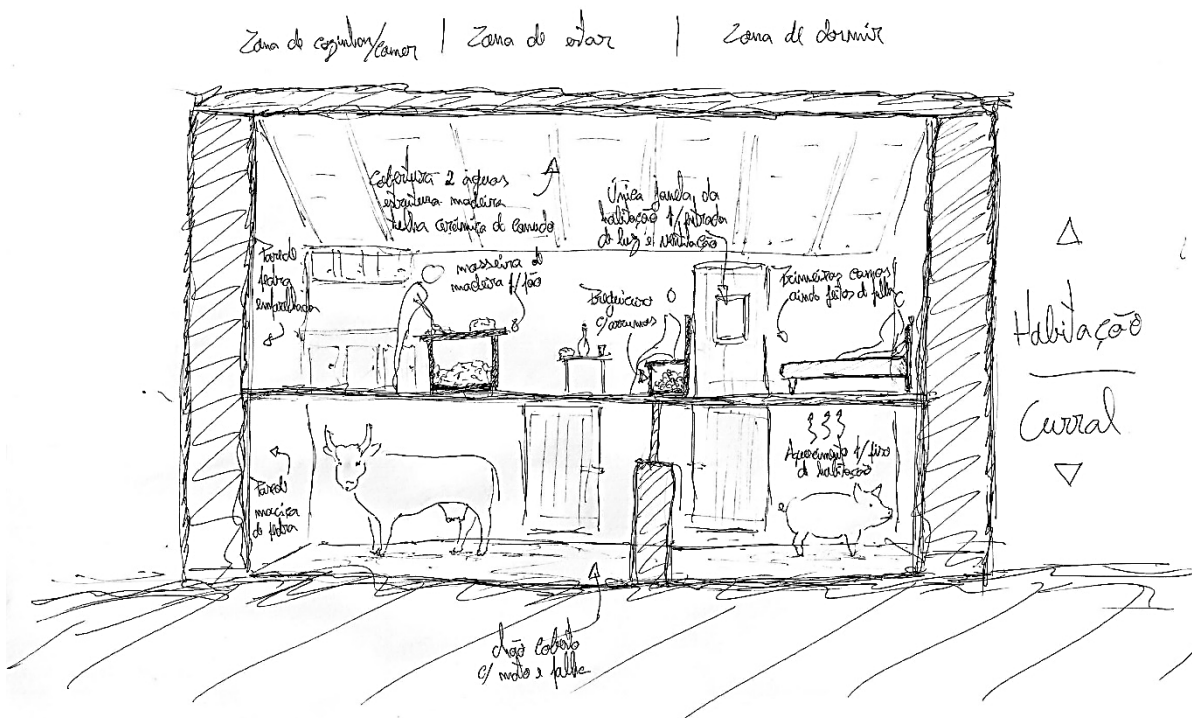


Figura 6 - Esquízo em corte longitudinal - Organização e vivências na casa

No que diz respeito à sua construção, o material predominante é a pedra granítica, extraída diretamente do local onde está implantada a casa, pois existia um grande penedo de onde foi talhada a pedra para as suas paredes. Pelo interior da casa é possível ver que parte desse penedo foi mantido e utilizado como parede maciça, como é visível na Figura 9 e sobre o qual foram assentes as paredes de alvenaria. A pedra para estas, era talhada manualmente, com formas e tamanhos variáveis (Figura 10).

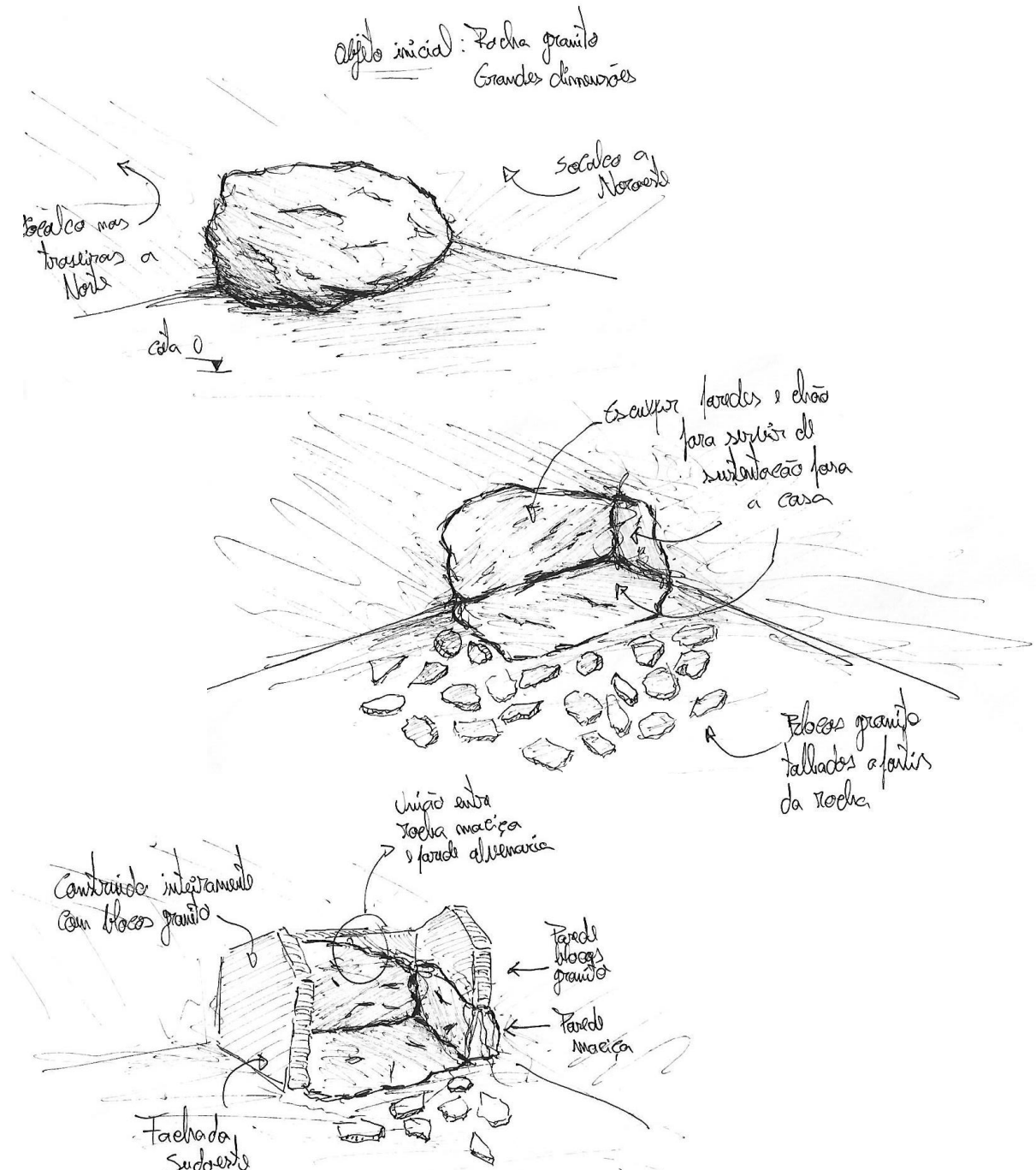


Figura 7 - Fases de construção das paredes



Figura 10 - Foto com identificação do limite da rocha maciça com alvenaria de pedra



Figura 9 - Fachada de alvenaria de pedra de formas e tamanhos irregulares

“Partiam à mão. Tinham uns ponteiros assim de dois palmos, ainda aqui está um até e com uma maceta pequena como eu tenho ali, faziam umas nichas pequenas pelo correr da pedra, com uma distância de mais ou menos um palmo. Depois tinham uns guilhitos pequenos, chamavam-lhe uns piçotes, assim grossinhos e pequeninos. Depois metiam-nos naquela niche, davam-lhe uma marretada até empancar, depois nos outros, depois com uma maceta maior, uma porrada em cada um, a eito, e quebravam esses penedos como eles quisessem.”⁵

⁵ Excerto de entrevista a Manuel Henriques (v. anexo 1).

Para os restantes elementos da construção foi utilizada madeira, de pinho para as portas, janelas e soalho, e de carvalho para as traves e outros elementos estruturais, extraída diretamente da tapada localizada nas traseiras da casa. A madeira seria depois levada num carro de bois para uma freguesia vizinha - Gandarela, onde existia uma serração a água.

Grande parte desses elementos de madeira, apesar de bastante degradados, ainda permanecem no local servindo as suas funções originais.



Figura 11 - Estrutura da cobertura em madeira

O telhado, conta o Sr. Manuel, era de telha de canudo, trazida pelo seu bisavô num carro de bois da zona de Braga.

*“Vinha de Prado, ali para os lados de Braga, Pico. Havia lá uma fábrica de fazer desta telha. O meu bisavô, pai da minha avó, que morava nas casas do Paço, era carreiro, com os bois, e ia lá buscar a telha. Desde que saía levava dois ou três dias a chegar cá.”*⁶

Apesar da maioria das telhas ainda não se encontrarem partidas, passado quase um século desde que foram colocadas, estas foram recentemente substituídas por chapas de zinco, encontrando-se, atualmente, amontoadas nas traseiras da casa.



Figura 12 - Telhas originais da casa

⁶ Excerto de entrevista a Manuel Henriques (v. anexo 1).

3.2 O Lugar

É no ponto mais alto da aldeia que encontramos a casa em questão. O seu terreno de implantação conta com uma área total de 498,83m² e é delimitado por um talude a sudeste, que define a área da eira e a separa da eira vizinha a uma cota inferior. A nordeste existem dois taludes de cota superior, destinados à agricultura, os quais confinam a norte com uma área florestal. À sua volta, são os vales e montanhas que definem o horizonte.

Os acessos à área da casa são feitos por um caminho em terra, com cerca de 60 metros de comprimento, por entre campos agrícolas, posteriormente ligado a um curto acesso secundário, em alcatrão, que o une à estrada municipal.

O lugar é caracterizado por uma morfologia um pouco acidentada, onde os desníveis foram vencidos por meio de socalcos. Grande parte deles foram outrora campos agrícolas, encontrando-se atualmente ao abandono. No seu perímetro encontramos algumas casas desabitadas, na sua maioria também centenárias e de características semelhantes à do caso de estudo. A única casa habitada nas proximidades é a do Sr. Manuel Henriques e sua esposa, localizada a cerca de 100m. As demais casas habitadas encontram-se a mais de 250m, na área mais central da aldeia.

Na aldeia não é possível encontrar qualquer tipo de serviço público, existindo apenas a Capela de Pereira e uma pequena mercearia que serve as necessidades mais básicas dos seus habitantes. Todo o restante comércio e serviços encontram-se na vila mais próxima - Gandarela de Basto, ou então na cidade de Fafe, localizada a 16km.

Percebe-se, pela curta descrição do lugar, que este é um local calmo, onde predomina o silêncio e as vistas pitorescas, tornando-o assim numa zona ideal para um retiro na natureza.



Figura 13 - Vista sobre a paisagem envolvente



Figura 14 - Fotografia aérea da aldeia com identificação, a vermelho, da área de intervenção

3.3 Volumes habitacionais

Neste subcapítulo será descrito o objeto de estudo tal como se encontra atualmente.

No terreno conseguimos identificar três volumes agregados, com duas linguagens completamente distintas. Um volume ao centro, em pedra, que constitui o edifício a intervir e dois volumes anexos, em tijolo, que foram construídos posteriormente. Existe também um pequeno espigueiro construído em tijolo e betão em frente a um dos anexos.

A casa é encastrada no desnível natural do terreno, sendo duas das suas paredes parte do rochedo existente no local de implantação.



Figura 15 - Alçado sudeste com 2 volumes e espigueiro em destaque

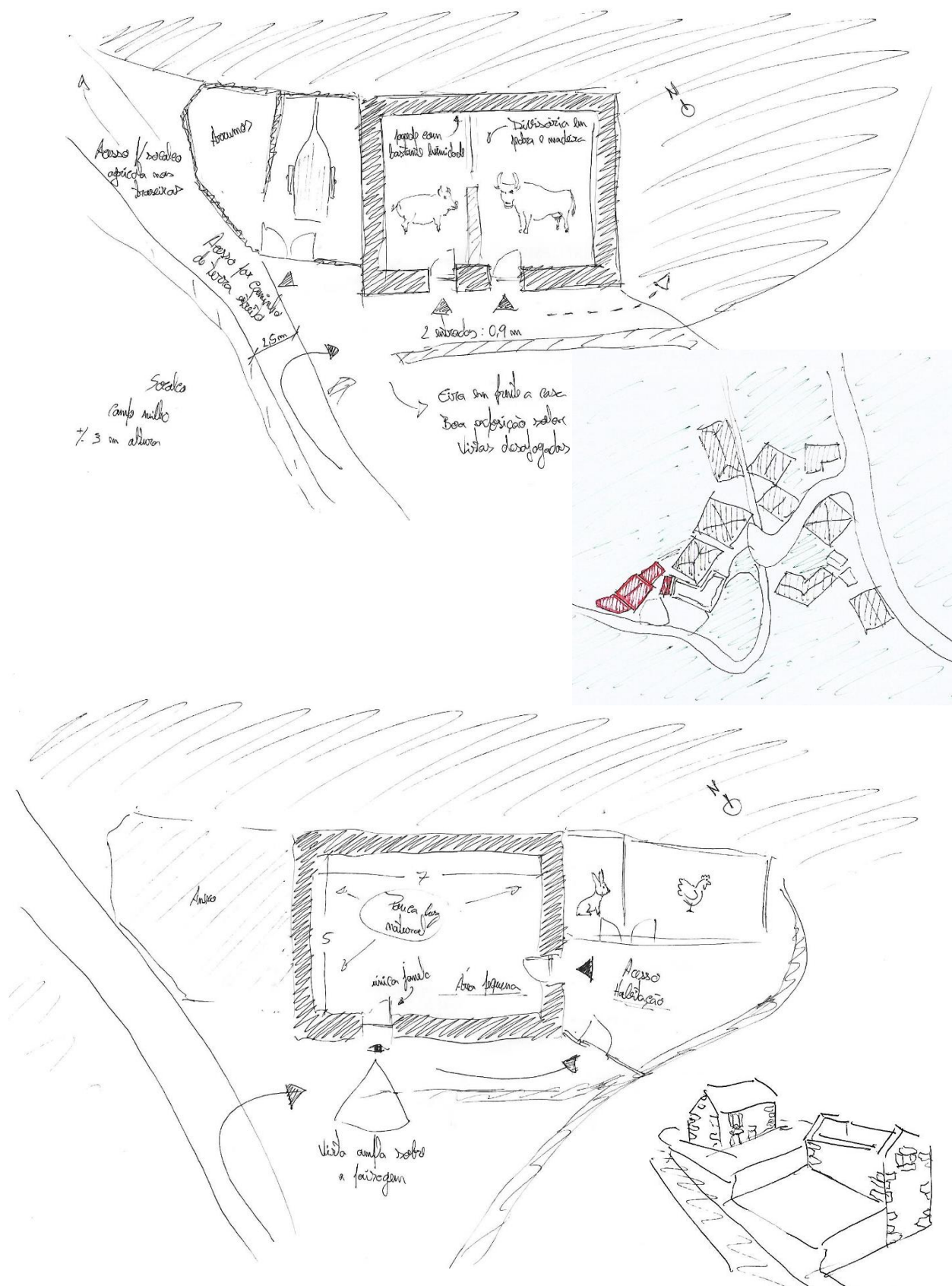


Figura 16 - Esquízo de estudo do objeto

3.3.1 Volume original

A edificação original, datada do início do século XX, é formada por um único corpo, com cobertura de duas águas. É de dimensões reduzidas, com 35m² habitáveis e tem um pé direito livre bastante baixo, com a estrutura da cobertura à vista a aproximadamente 1,50m do soalho. Apresenta uma planta retangular com uma implantação de 6,40m x 8,40m. Na planta inferior localizam-se as cortes dos animais e no primeiro piso a zona destinada à habitação da família. Como a sua área é reduzida, a solução de uma planta livre de maneira a permitir uma maior amplitude na zona habitável, foi a solução adotada.

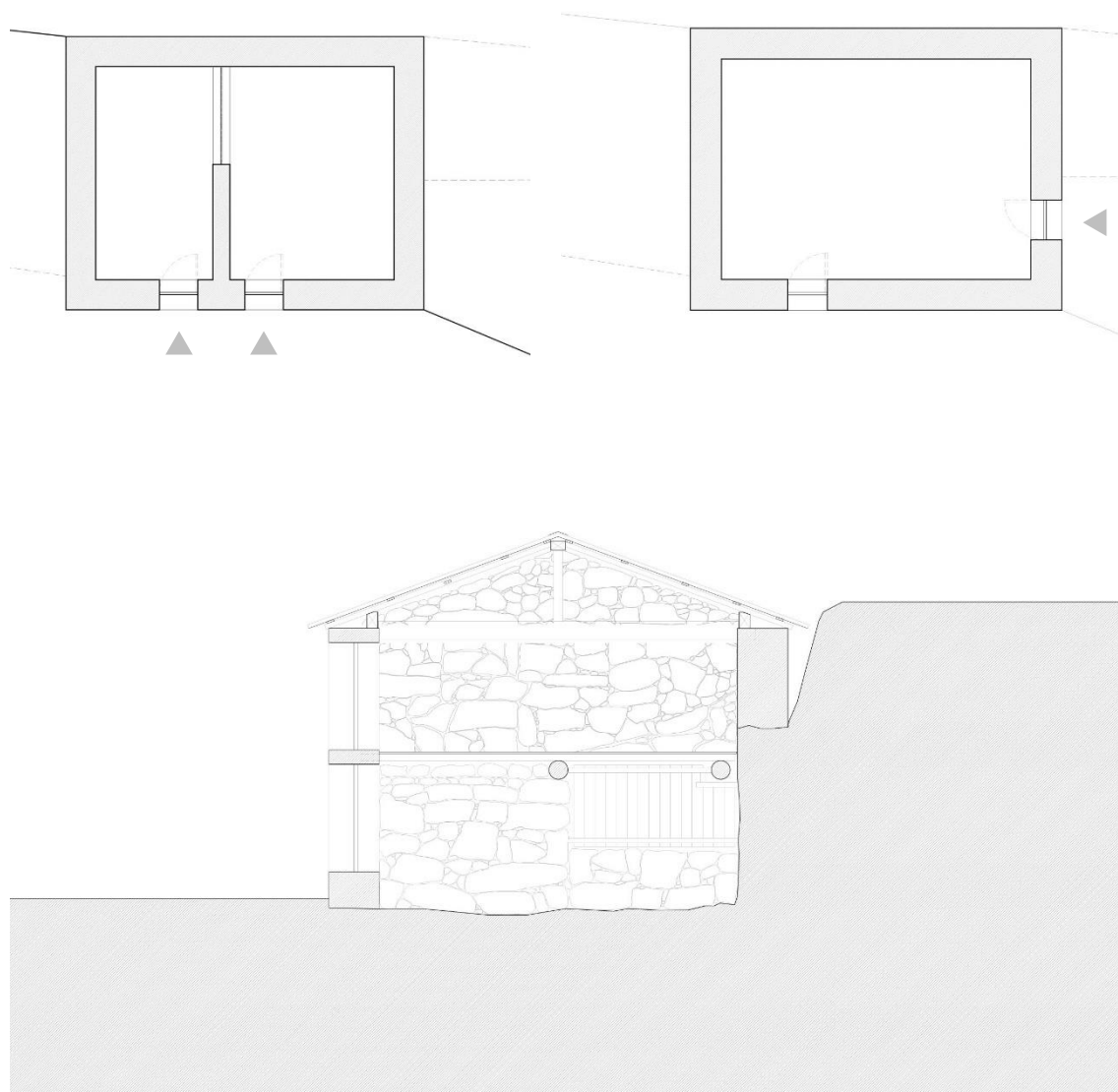


Figura 17 - Planta rés do chão à esquerda, 1º piso à direita e corte ao fundo (s/escala)



Figura 18 - Acesso ao 1º piso, de habitação

Os acessos à área da casa são feitos por um caminho em terra, com cerca de 60 metros de comprimento, que posteriormente liga a um curto acesso secundário, em alcatrão, que o une à via principal. Já na habitação, fazem-se por uma rampa exterior, com pavimento rochoso, da qual resultam, primeiramente, duas entradas no rés do chão para as cortes e, posteriormente, a comunicação com um pátio exterior, de onde se acede à zona de habitação, localizada no 1º piso. Não existe comunicação entre pisos pelo interior.

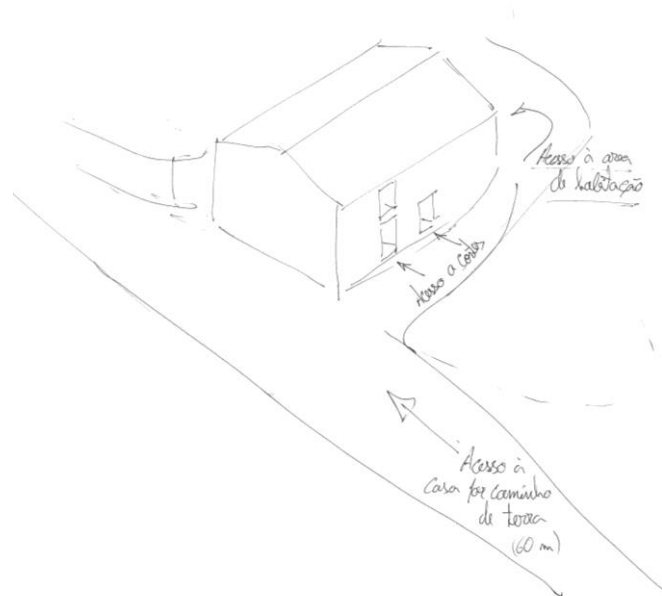


Figura 19 Acesso à casa

O alçado principal está orientado para sudeste, onde se localiza a única janela da habitação e as duas portas de acesso às cortes. A nordeste, a porta de acesso principal, uma empena cega a sudoeste e a noroeste uma parede praticamente ao nível do terreno agrícola. A casa permanece de acordo com a configuração original.

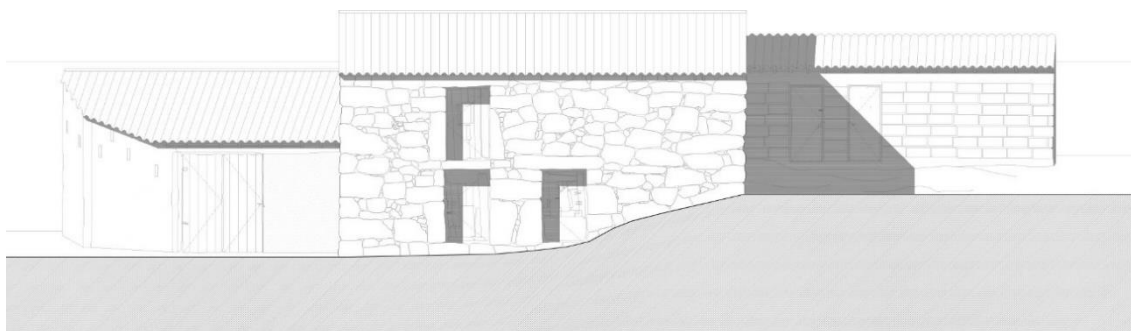


Figura 20 - Alçado sudeste (s/escala)



Figura 21 - Fotografia pelo interior da única janela do piso de habitação

O granito é o material dominante, sendo utilizado para a construção das paredes, cunhais e esquadrias de portas e janelas. É utilizado também para o solo no piso inferior, sendo que este já existia no local, tendo sido apenas talhado. A madeira é essencialmente carvalho e castanheiro, sendo estes a matéria prima utilizada para a construção das estruturas do soalho e da cobertura. O ferro está apenas presente nas ferragens das carpintarias.

A casa é sustentada por paredes portantes duplas, em alvenaria de granito, de junta seca. Os blocos que as constituem foram extraídos diretamente do local e talhados de forma tosca, de tamanhos e formas variáveis, com dimensões que oscilam entre os 30cm e 40cm de largura.

Os vãos são compostos por soleiras, ombreiras e padieiras construídas em peças de granito, mais cuidadas e de maior dimensão, de forma a garantir uma maior estabilidade.

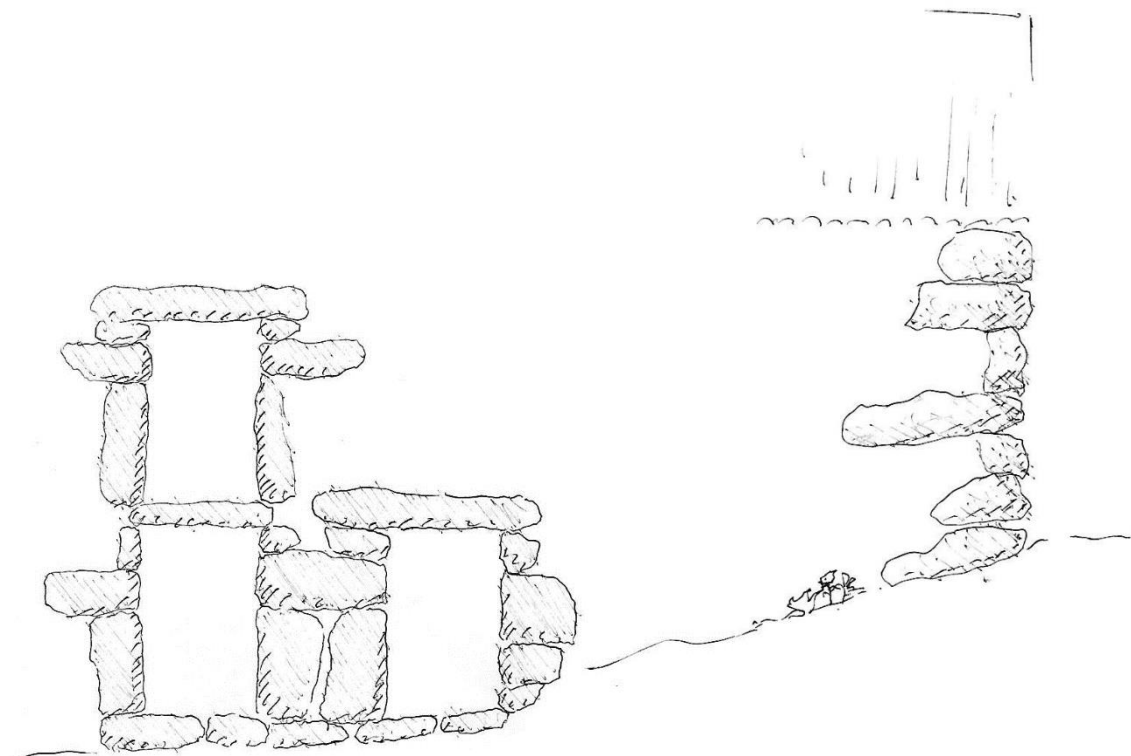


Figura 22 - Esquiço de vãos e cunhais de granito



Figura 23 - Uso de blocos de maior dimensão nas soleiras, ombreiras e padieiras

As portas e janelas foram feitas em madeira de castanheiro, matéria prima existente em abundância nas proximidades da aldeia. Eram construídas em réguas paralelas, na vertical, e ligadas por outras transversais a estas pelo interior, de maneira a garantir uma maior segurança. Para as ligar era utilizado um segundo material, o ferro, que através de pregos e dobradiças completavam a peça. Eram completamente opacas, não existindo qualquer tipo de vidro na sua composição.

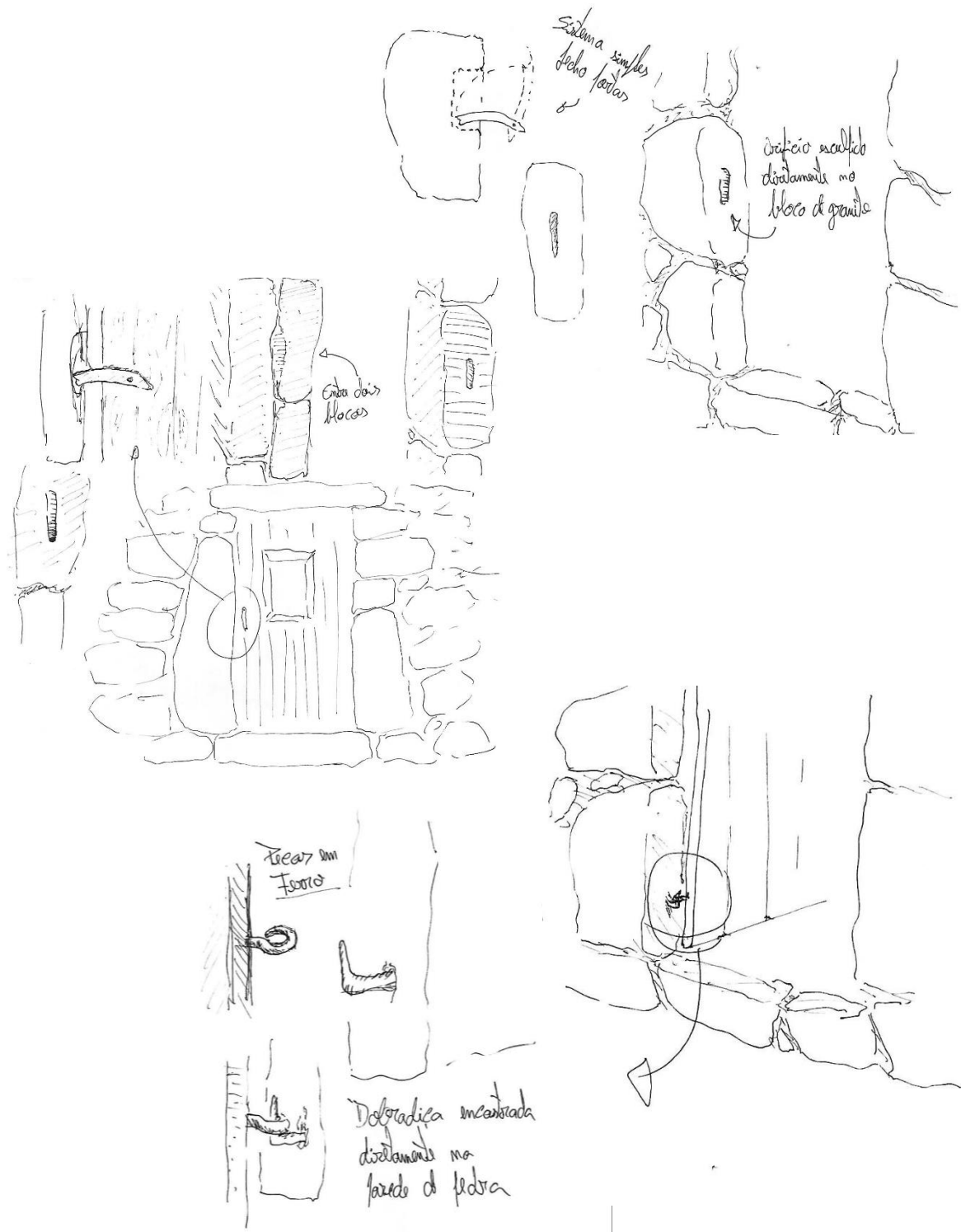
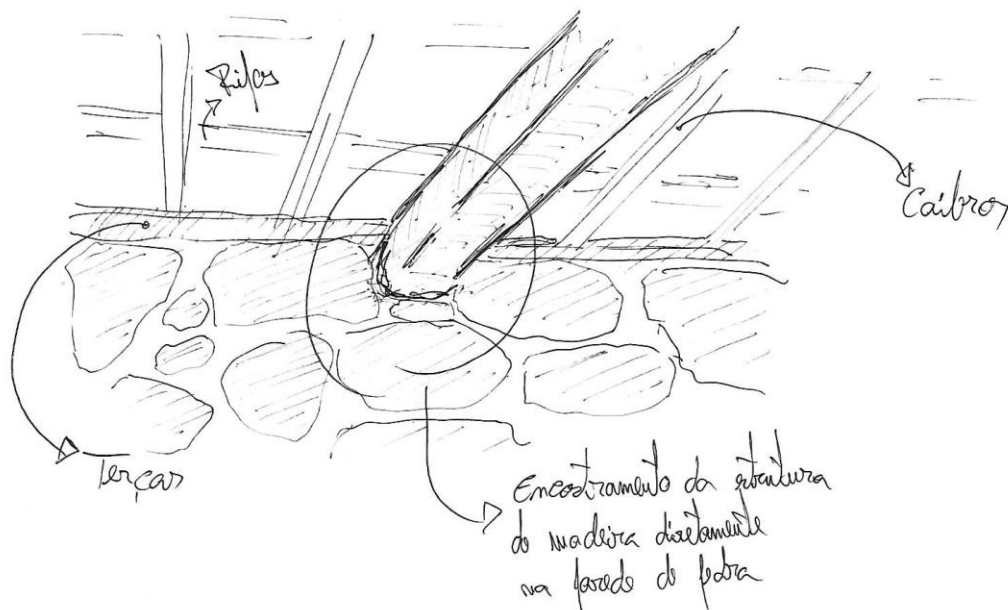


Figura 24 - Pormenores de funcionamento das portas

Para a execução da estrutura do telhado foram usadas vigas mestras de carvalho, entre as quais se interligavam vigas transversais a estas, de menores dimensões, sobre as quais eram pregadas as ripas onde assentava o telhado. O encastramento das vigas mestras foi feito diretamente na alvenaria de granito.



Esta cobertura foi construída recorrendo a uma estrutura de tesoura simples. Originalmente era coberta com telha de canudo em cerâmica.

A casa apresenta um nível de conservação atual bom, no que diz respeito a alvenarias, dado não ser notório qualquer sinal de possível desmoronamento.

Este edifício não conta com qualquer tipo de infraestruturas básicas, como abastecimento de água, saneamento ou energia elétrica.

3.3.2 Alterações e anexos

Ao longo dos anos, o edifício foi alvo de algumas obras em prol da sua preservação, principalmente no que diz respeito à cobertura e pavimento, mas, ainda assim, todos os elementos de carpintarias apresentam um nível de deterioração avançado. Para além disso, as paredes foram caiadas pelo seu interior tendo, a cal, vindo a desaparecer ao longo dos anos.

Foram construídos nas fachadas nordeste e sudoeste da habitação dois anexos em blocos de cimento com cobertura em chapa de zinco ondulada e telha marselha, sendo as portas em madeira, forrada com chapa de zinco lisa. Foi também construído um espigueiro com estrutura em betão, paredes em tijolo cerâmico perfurado e cobertura de telha cerâmica marselha. No edifício em questão, a modificação que mais se destaca foi a substituição da cobertura original em telha de canudo cerâmica para chapa de zinco ondulada. Todas estas modificações revelaram-se altamente descaracterizadoras em relação à construção original.



Figura 25 - Anexos e espigueiro construídos posteriormente

Uma casa com passado, um passado com futuro: Reabilitação de habitação vernacular

Capítulo 4 - Levantamento Arquitetónico

4.1 Registo gráfico e fotográfico do objeto

A observação e registo do objeto de estudo foi um hábito que se tornou constante ao longo do percurso projetual, pois foi necessário para o autor, voltar ao local inúmeras vezes, observar, desenhar e imaginar as hipóteses de intervenção dentro dos limites físicos que este impunha.

Serão mostrados, de seguida, alguns dos esquiços feitos no local, de perspetivas e pormenores do objeto, assim como fotografias que ajudem a facilitar a perceção do mesmo.

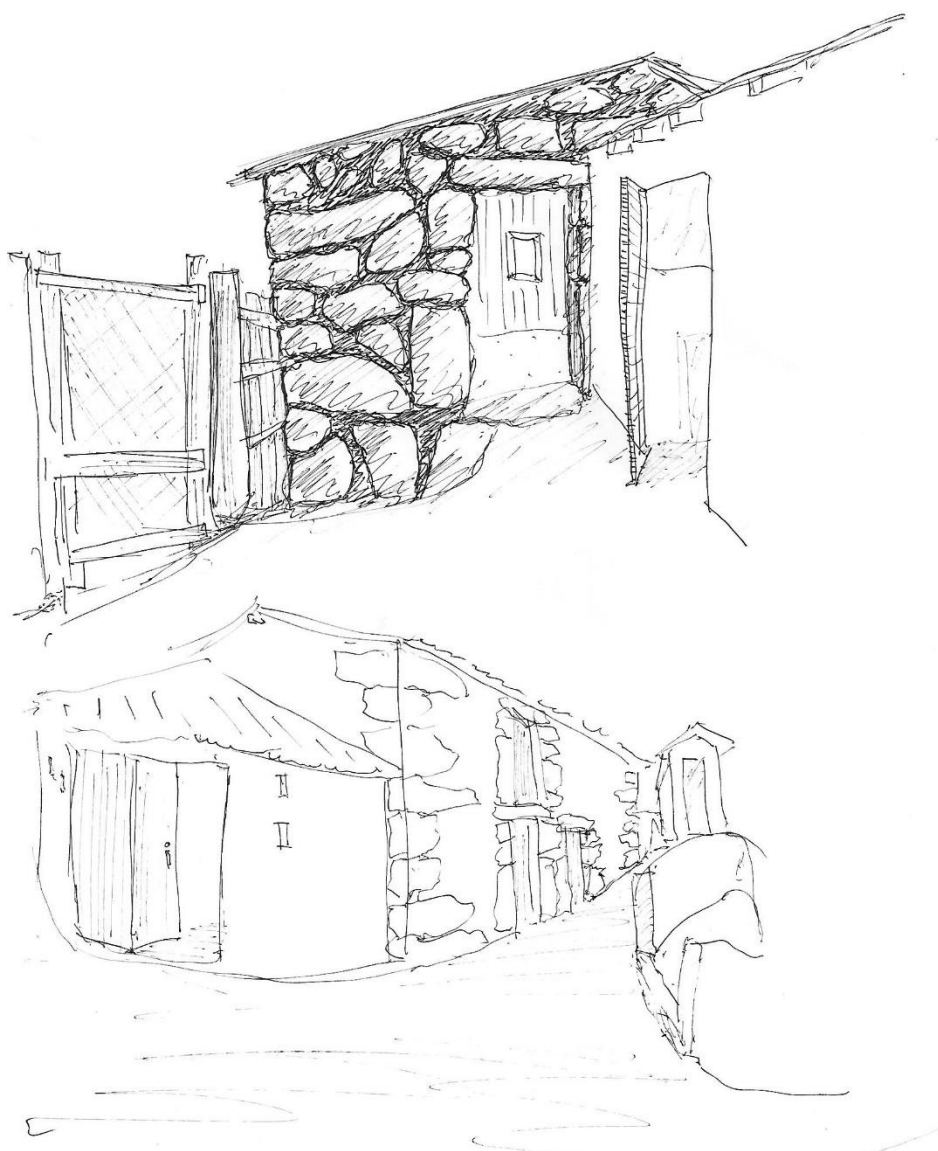


Figura 26 - Esquiços da fachada nordeste e perspetiva da casa, respetivamente.

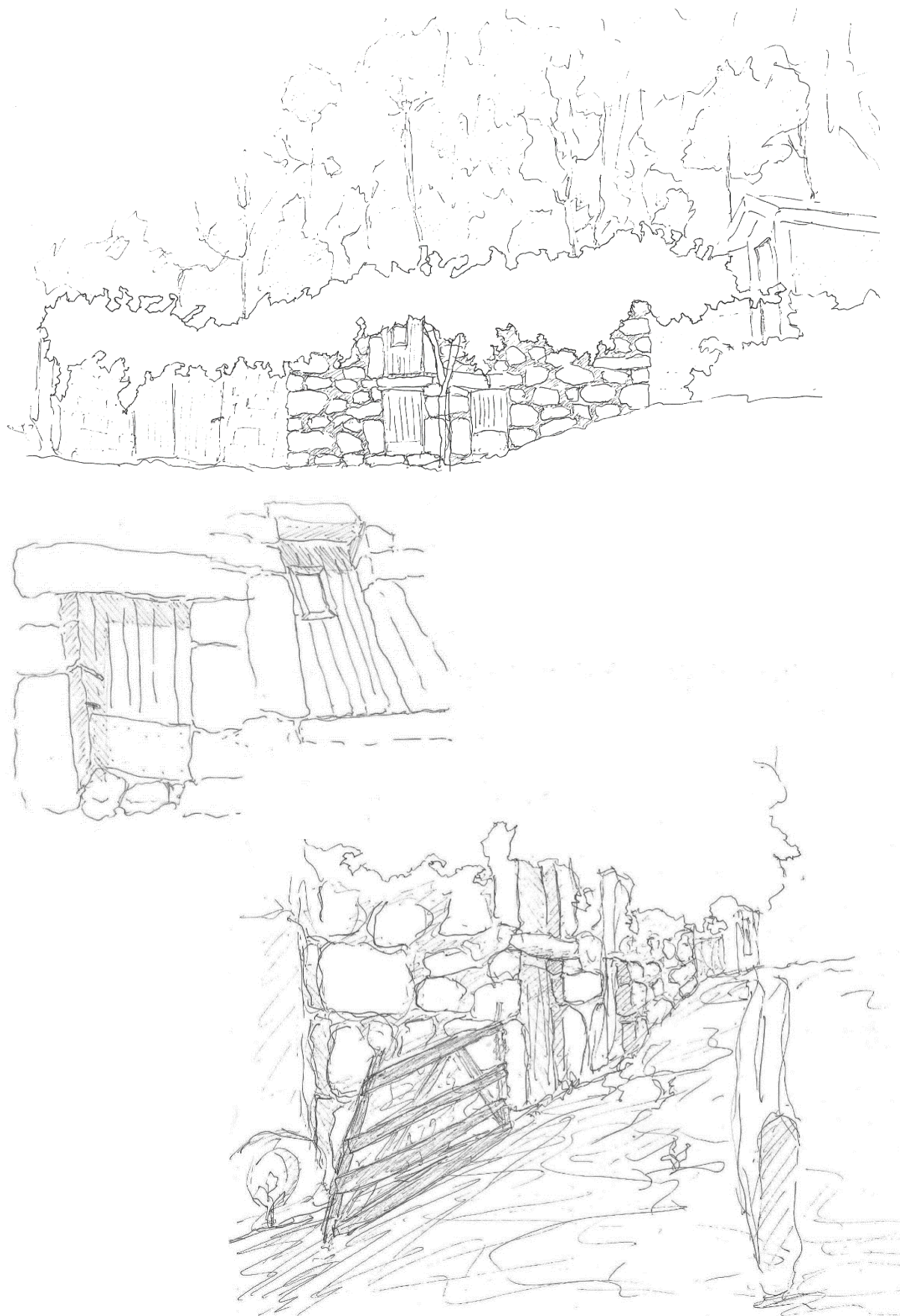


Figura 27 - Esquços com videiras em frente à fachada sul e esquços de porta e janela.



Figura 28 - Registo fotográfico do exterior da casa

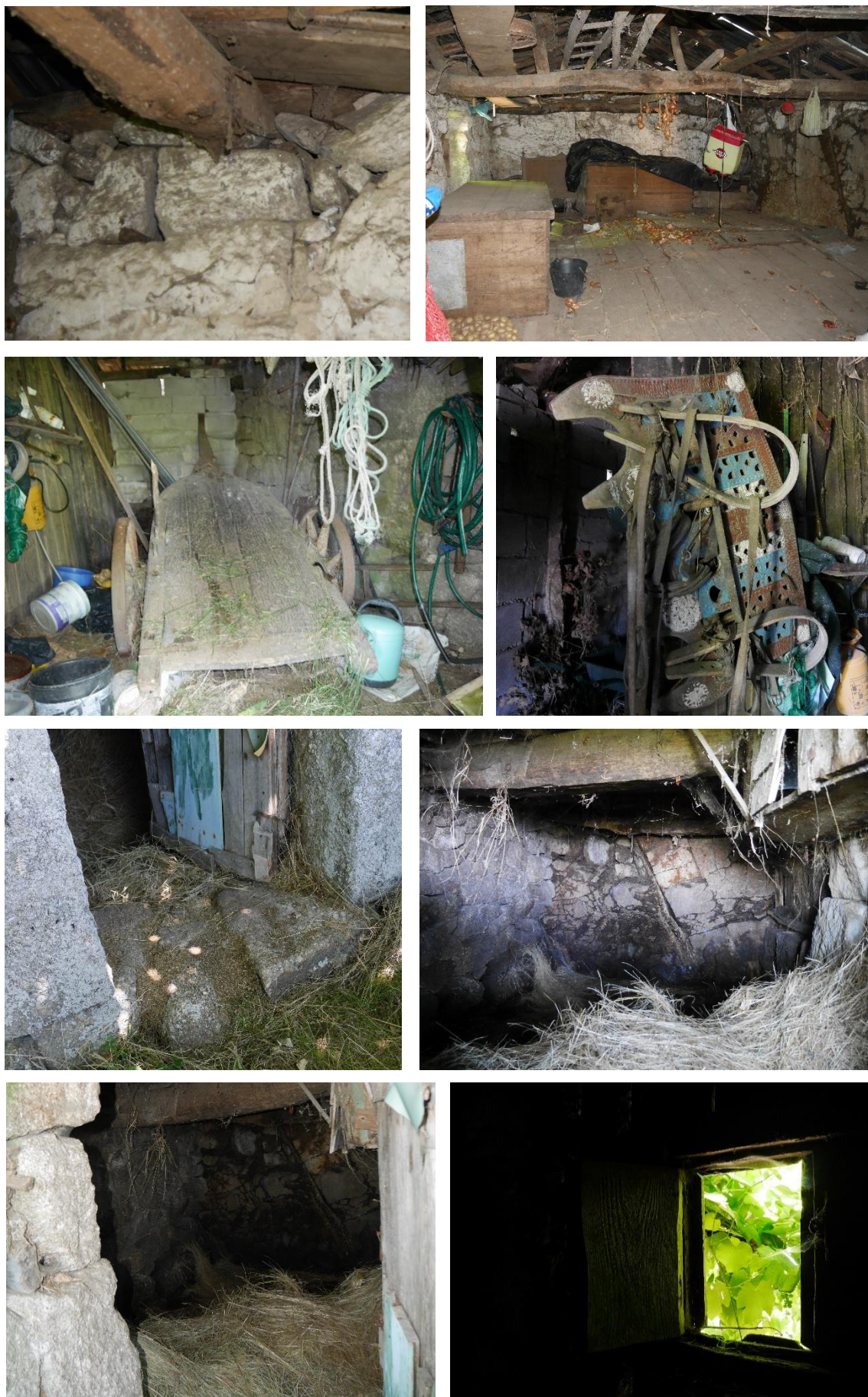


Figura 29 - Registo fotográfico do interior da casa e anexos

4.2 Levantamento direto

O levantamento direto foi o método utilizado para a obtenção das dimensões do objeto de estudo, por se tratar de um edifício de pequena escala e fácil acesso às suas diversas áreas. A sua execução foi dividida em 3 fases: planeamento, medição e restituição⁷.

O planeamento surgiu após o contacto inicial com a casa. Tal como descrito previamente, foram feitos diversos registos fotográficos, anotações e esboços de interpretação desta que, posteriormente, foram analisados de forma a ter uma melhor perceção do que seria necessário levantar. Mediante isto, foram realizados esboços para o levantamento do edifício, sobre os quais foram registadas as medidas recolhidas no local a nível de plantas, alçados, cortes, pormenores e espaços envolventes, todos estes importantes para a correta leitura do objeto e indispensáveis para a posterior fase de restituição.

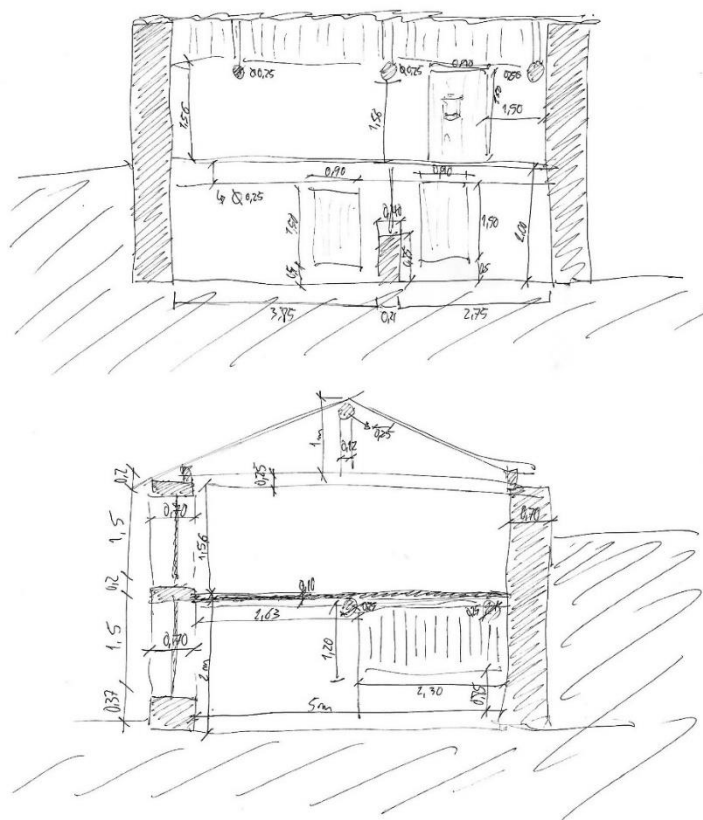


Figura 30 - Esboços de levantamento em corte

⁷ Retirado de Diniz, Fernando Manuel Leitão. Levantamento Arquitectónico para intervenção no património vernacular edificado - Casos do interior beirão. Dissertação publicada em 2014, p.56.

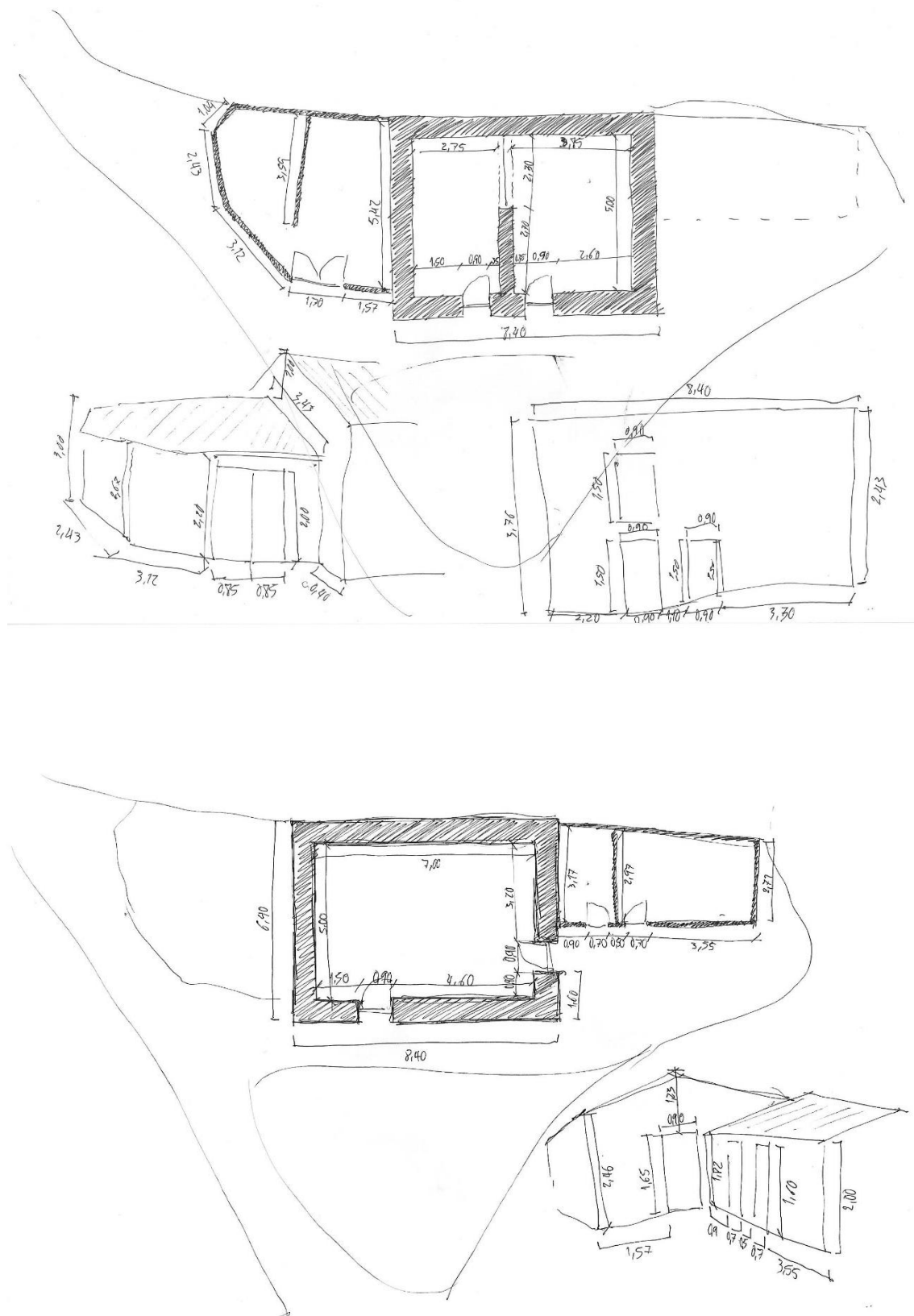


Figura 31 - Esquços de levantamento de plantas e alçados

4.3 Levantamento fotogramétrico

Dada a natureza do edifício, tornou-se imperativa uma representação mais rigorosa das suas fachadas. Para isso, foi utilizado o método de levantamento fotogramétrico afim de obter uma correta leitura dos seus elementos construtivos, tais como cunhais, esquadrias de portas e janelas, assim como o dimensionamento e formato dos blocos de granito que compõem as suas paredes.

Dado estarmos perante um edifício de superfícies planas, a monorestituição ou imagem retificada (bidimensional), foi o método fotogramétrico aplicado.

Iniciou-se o processo pela colocação de alvos colados estrategicamente nas extremidades do edifício, assim como nas suas portas e janelas, de forma a obter um número de dados que assegurassem o rigor pretendido. De seguida procedeu-se à demarcação de dois eixos nas paredes a levantar, horizontal (eixo x) e vertical (eixo y), mediante os quais foram obtidas as coordenadas a que se encontram os alvos colocados anteriormente. Todos os alvos foram fotografados unitariamente e em conjuntos de, no mínimo, quatro, sendo utilizado para o processo uma máquina fotográfica Panasonic Lumix DMC-GX7.

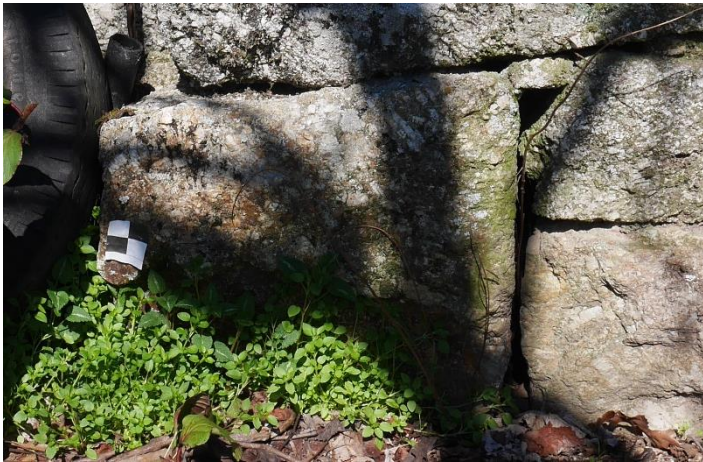


Figura 32 - Exemplo de colocação de alvo

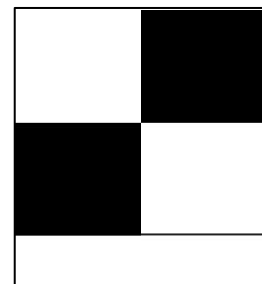


Figura 33 - Alvo

Tal como no levantamento direto, foram desenhados esquiços de levantamento, também designados por eidotipo⁸, sobre os quais foram registadas as localizações de todos os alvos e eixos de cada parede, afim de facilitar o posterior tratamento dos dados. Por último foram feitas as medições dos alvos, recorrendo a um medidor a laser ou a fita métrica e nível, quando estes se mostraram mais vantajosos. Todos os dados foram registados em tabelas, tal como é mostrada na Figura 33.

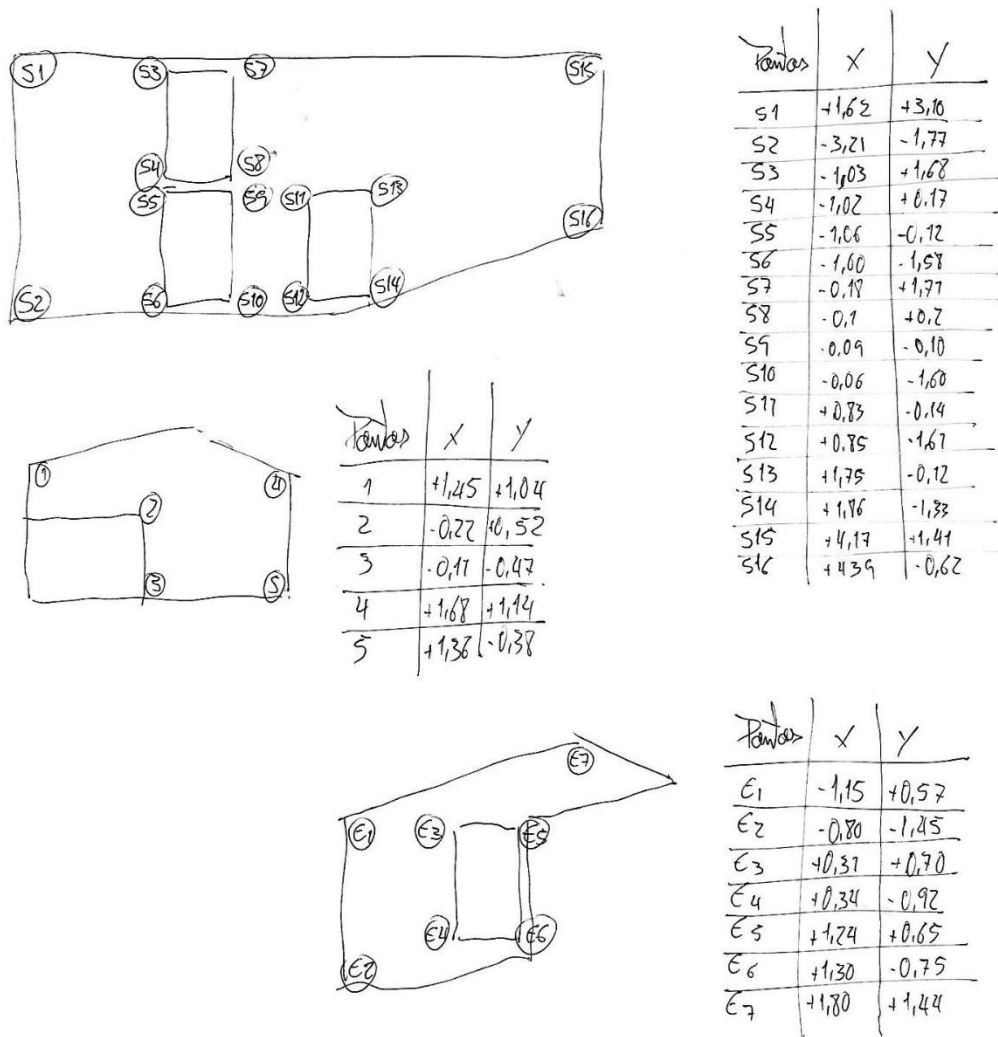


Figura 34 - Esquiços de levantamento com coordenadas

⁸ Eidotipo: Reúne todos os elementos gráficos e escritos que identificam as partes e tornam compreensível o conjunto. Inclui desenhos à mão levantada, plantas, cortes e alçados esquemáticos e fotografias de pormenor e de conjunto.

Após isso procedeu-se ao tratamento e transformação da informação através do software Autocad 2018 e com o auxílio da extensão Raster Design. Esta extensão permitiu retificar a distorção das fotografias segundo as coordenadas obtidas, possibilitando assim desenhar através de “polilinhas” os detalhes da parede em sobreposição com a imagem.

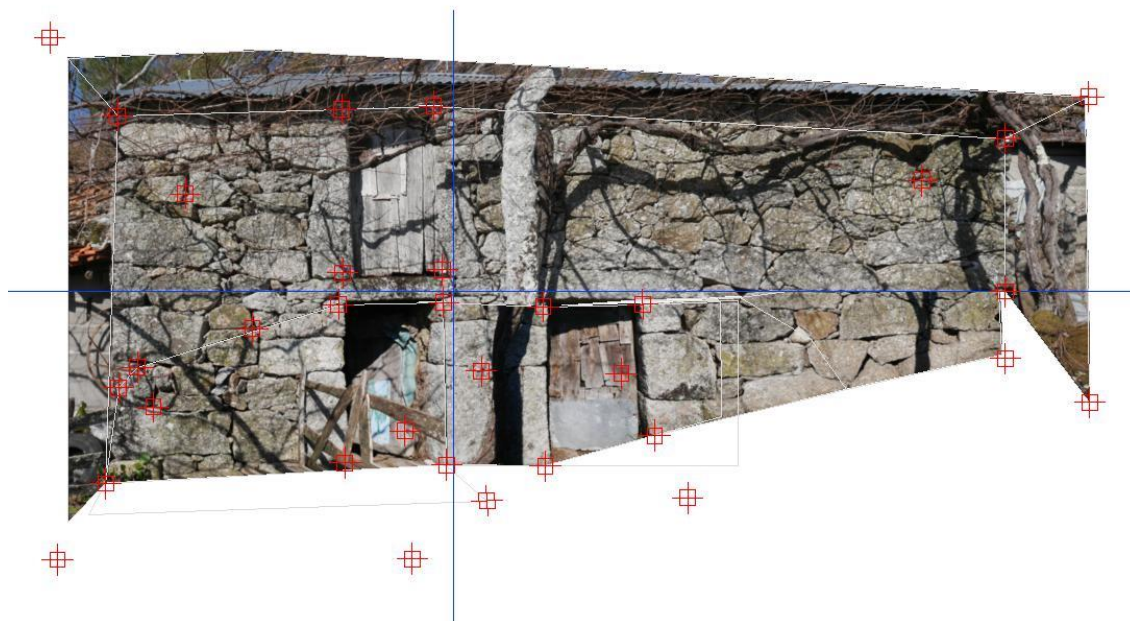


Figura 35 - Fotomosaico com identificação de alvos e eixos de referência



Figura 36 - Fotomosaico no seu formato final



Figura 37 - Desenho do alçado em sobreposição ao fotomosaico

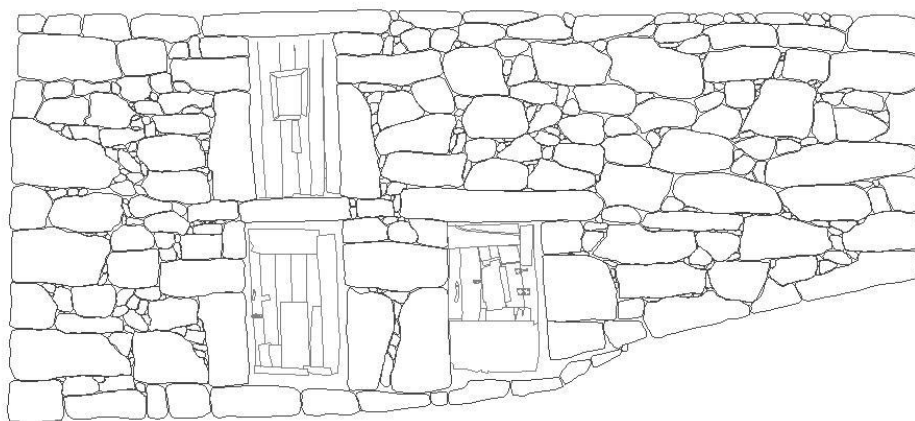


Figura 38 - Desenho técnico final de representação do alçado

Capítulo 5 - Projeto

5.1 Intensões e procura do conceito

O quinto capítulo tem o intuito de descrever e justificar a proposta apresentada para a reabilitação da casa na aldeia de Pereira, Celorico de Basto, mostrando o processo de pensamento do autor, com que problemas este se deparou ao longo do seu percurso, e como esses mesmos problemas ajudaram a moldar o projeto até chegar à solução final.

É a intenção do cliente, que é neste caso o próprio autor da dissertação, transformar a casa em questão, num refúgio em meio rural, para ser utilizada em períodos de férias ou como um escape ocasional à azafama do meio urbano. Para tal, é pretendida a criação de um local atrativo, capaz de providenciar atividades lúdicas e dotado de espaços que promovam a interação entre os utilizadores e a natureza. Tendo como público alvo um casal, pressupõe-se a criação de um refúgio para dois, em que o desenho interior da casa transmita essa atmosfera, fazendo prevalecer uma utilização mais íntima dos espaços. Contudo, afim de lhe conferir uma maior versatilidade, esta deverá ser capaz de providenciar bases para, se assim for desejado, puder albergar mais do que as duas pessoas previstas no programa, tentando assim prever outros tipos de utilização da casa.

Como tal, foram definidos três pontos principais ao qual o conceito do projeto deverá responder:

- Em primeiro lugar, em termos de funcionalidade e distribuição, deverá ser capaz de criar uma forte interação entre os espaços interiores e exteriores, afim de dinamizar a experiência de utilização e tirar o máximo proveito do terreno e da natureza envolvente;
- Em segundo lugar, a nível estético, tem de conseguir fundir o edifício vernacular pré-existente com a nova intervenção, mas expondo a distinção entre os elementos originais e os novos elementos de linguagem contemporânea de uma forma suave.
- Por último, no que diz respeito aos materiais, deverá ser uma construção sustentável e dar prioridade ao uso de materiais locais como a madeira e o granito, mantendo assim a ideia de construção vernacular e tornando-a cativante para o uso de retiro rural que lhe é destinada.

Assim, perante o programa definido e tratando-se este de um edifício de áreas bastante reduzidas, pareceu pertinente ao autor que a intervenção se deveria sustentar no conceito de arquitetura modular, acrescentando, de forma coerente, elementos à casa que a tornassem capaz de responder aos objetivos pretendidos e onde prevalecesse o uso de materiais ecológicos e técnicas construtivas vernaculares.

5.2 Evolução da ideia

A ideia evoluiu assente em três princípios: arquitetura modular, arquitetura ecológica e arquitetura vernacular. Estes princípios foram sempre tidos em conta ao longo do processo criativo, surgindo de forma intuitiva ou de uma forma mais racional na tomada de decisões das diferentes fases do projeto.

5.2.1 A casa

A casa, sendo a base do projeto, foi o primeiro elemento a racionalizar. Tal como descrito anteriormente, esta conta originalmente com dois pisos com cerca de 35m² habitáveis em cada um deles, e um pé direito relativamente baixo em ambos, sendo de 2m no piso do rés do chão e 1,56m no primeiro piso. Como tal, e após vários estudos feitos diretamente no local, foi definido que a solução ideal passaria por eliminar o piso superior, obtendo assim um pé direito duplo mais confortável, como também, dada a pequena dimensão da casa, uma área habitável mais desafogada e iluminada.

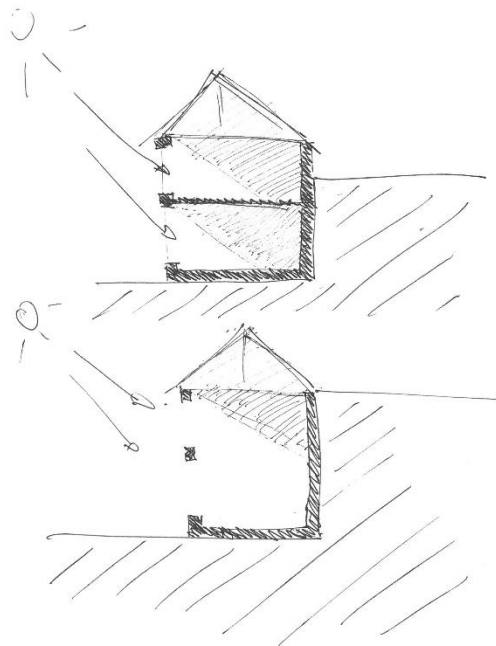


Figura 39 - Esquicho de ganhos solares ao eliminar a laje

Com o volume totalmente vazio para trabalhar, tornou-se necessário começar a definir áreas, e a forma como estas iriam funcionar dentro dos 35m² disponíveis.

Inspirado em algo que foi dito pelo Sr. Manuel durante a entrevista: “(...) foi sempre assim, toda aberta. Porque o meu pai ainda a queria dividir, mas a minha mãe dizia que depois não havia largueza para botar batatas, não havia onde botar espigas, não havia nada, então botava-se lá para um canto, as camas para outro, a cozinha estava cá para diante e as caixas também para outra banda. Lá estava numa banda batatas, noutra banda espigas, comia-se noutro lado cá para diante, as camas mais para aqueles cantos e assim se vivia.”⁹. Percebemos!

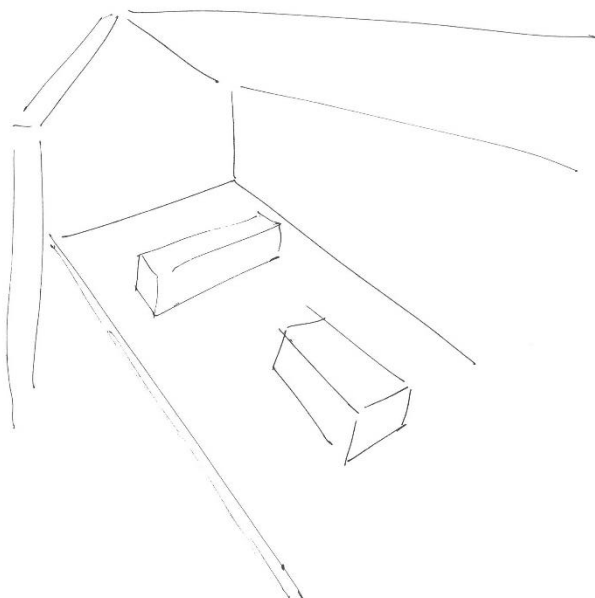


Figura 40 - Distribuição original com separação de áreas pelos seus elementos

O uso original das caixas de arrumos de cereais que separavam os espaços de dormir, estar, cozinhar, inspiram a criação do Cubo.

⁹ Excerto de entrevista a Manuel Henriques (v. anexo 1)

5.2.2 O cubo

Neste momento em que surge uma ideia conceptual de um novo elemento para a casa, é necessário testá-lo para verificar se o mesmo funciona na prática, adaptando-se ao espaço e à escala humana, de forma ergonómica.

Funções do Cubo:

Como um só: Criar separação de áreas de habitar

No seu interior: Albergar instalações sanitárias

Pelo seu exterior:

Topo (Quarto) - Cama estilo Mezanino

Frente (Corredor) - Porta de entrada para I.S. + Arrumos

Lateral Esquerda (Cozinha) - Balcão de cozinha embutido + Armários

Lateral Direita (Sala) - Zona de estar

Rebatíveis: Mesa de Jantar + Cama corpo e meio extra

Embutidos: Arrumo de Madeira para Lareira + Armário de sala

Ao eliminar a laje do primeiro piso original, e adicionando o novo elemento do Cubo, a casa ganhou uma nova dinâmica interior, permitindo uma separação dos espaços de forma lógica e intuitiva, evitando a criação de paredes e permitindo um pé direito mais confortável.

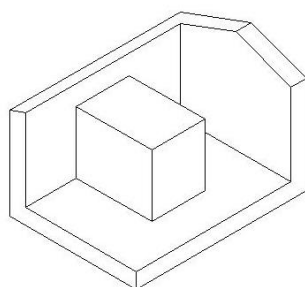
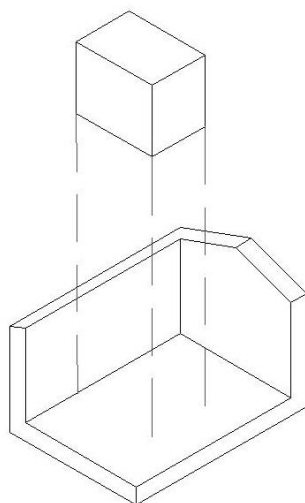


Figura 41 Diagrama do Cubo

5.2.3 O braço

Surgiram, perante o novo elemento introduzido, novas questões a necessitarem de especial atenção a nível conceptual e de conforto.

Em primeiro lugar, as duas entradas originais do piso 0, devido às suas dimensões reduzidas (0.9m x 1.50m) não permitiam que a entrada do edifício fosse feita através das mesmas. Surgem assim duas hipóteses em cima da mesa. Por um lado, alterar a fachada principal para que, pelo menos, uma destas entradas cumprisse os mínimos legais, mas correndo assim o risco de perder a identidade do edifício original caracterizado pelo alinhamento dos seus 3 vãos. Por outro lado, a criação de uma nova entrada que não interferisse com a parede da fachada principal e que ao mesmo tempo, através de uma linguagem contemporânea adequada, transparecesse a nova etapa deste edifício.

Em segundo lugar, como se pode verificar através da IMAGEM X (FOTO DE MAQUETE), a casa parece estar um pouco fechada sobre si própria e com poucas entradas de luz, que tornam as áreas de cozinha e sala especialmente escuras. A área de dormir situada no topo do mezanino é uma das mais afetadas por esta situação, pois não desfruta de qualquer tipo de janela que permita entrada de luz ou de vistas sobre a paisagem.

Como tal, foram estudadas várias formas de resolver este problema.

Por último, a intenção de criar uma forte interação da casa com as áreas exteriores. Como foi dito no início do capítulo, este pretendia ser um dos pontos com maior ênfase neste projeto, afim de atingir os objetivos traçados, tirando o máximo proveito do terreno existente.

No entanto, pode-se constatar que o terreno a intervir se encontra dividido em duas áreas de cotas significativamente diferentes, uma ao nível da planta baixa, a sudeste, e uma segunda ao nível do primeiro piso, a noroeste.

Ainda assim, este projeto pretende conseguir que estes 3 diferentes elementos: terreno à cota inferior, casa e terreno à cota superior funcionem como um só.

Sendo a casa o núcleo central, terá de ser capaz de fazer a ponte entre eles, facilitando e estimulando a utilização dos mesmos.

Assim surgiu um novo volume, que de forma intuitiva “abraça” a pré-existência e a torna capaz de interagir com os seus espaços exteriores, ao mesmo tempo que torna a vivência interior mais confortável e interessante.

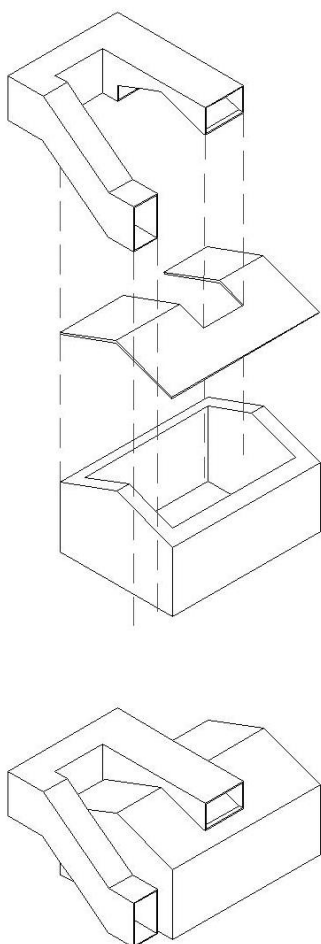


Figura 42 - Diagrama do novo volume (Braço)

5.2.4 Espaços exteriores

Os espaços exteriores foram, tal como já foi referido anteriormente, uma área de grande importância neste projeto, dada a sua ligação com o meio rural e a natureza. Era pretendido, portanto, a conceção de espaços ajardinados que integrassem a casa com a sua envolvente, e que, ao mesmo tempo, proporcionassem vivências de lazer inerentes a uma casa de férias.

Como tal, perante uma análise do terreno disponível, foram balizadas três áreas com maior potencial de intervenção: a primeira, a noroeste, considerada uma zona privilegiada pela sua boa exposição solar, vistas desafogadas e uma ampla área de trabalho; a segunda, a sudoeste, definida pela eira existente em frente à casa que, apesar de beneficiar de uma área de trabalho mais modesta, conta igualmente com boa exposição solar e vistas amplas e, por último, a nordeste, uma zona caracterizada por um ligeiro desnível entre as duas cotas, onde encontramos um local mais reservado que dispõe de áreas de maior sombreamento.

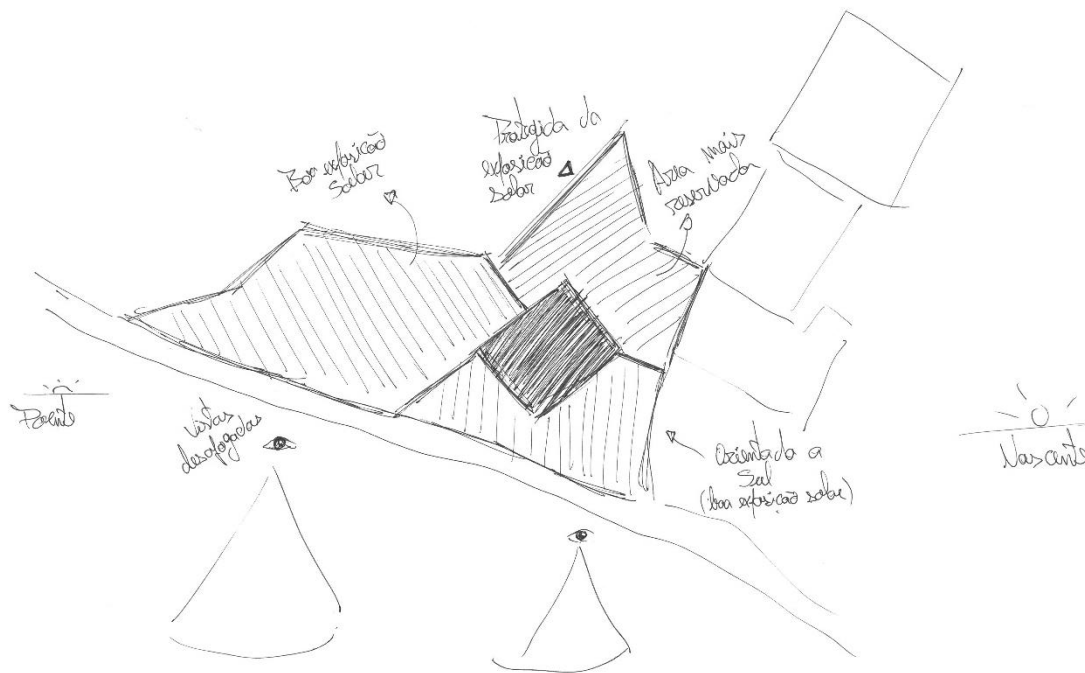


Figura 43 Esquício de diferentes áreas, exposição solar, vistas e sombra

Após a definição e compreensão destes três espaços, foi feito um estudo a fim de delinear que uso lhes dar, primando pelas atividades de lazer e descanso que o programa impunha. Em primeiro lugar, tratando-se esta de uma casa de férias, pareceu essencial a existência de uma zona de piscina, que se serviria das linhas de água provenientes da serra e que por ali passam. Em segundo, uma área de lazer, que incentivasse ao convívio entre os utilizadores e providenciasse um espaço acolhedor e confortável. Por último, uma zona de churrascos e refeições ao ar livre.

A piscina foi idealizada como uma reinterpretação dos típicos tanques de pedra locais, utilizados para armazenamento de água para rega. Conceptualmente, tal como nestes tanques, partimos de uma forma paralelepipedal pura, que poisa do chão como se de um elemento monolítico se tratasse, e da qual é subtraída a área desejada para armazenamento de água. Mas, nesta reinterpretação, foi ampliada uma das paredes laterais do paralelepípedo, criando assim uma área de estar no seu topo.

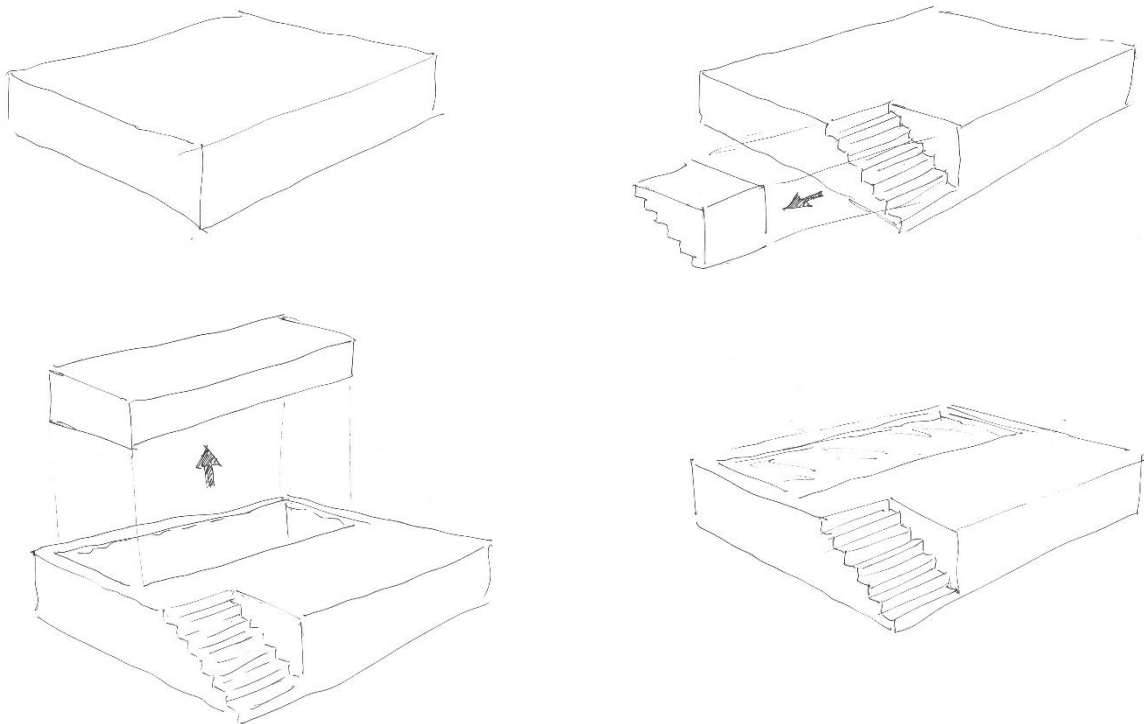


Figura 44 - Esquícios da procura da forma

Funcionalmente, o volume referido resguarda no seu interior toda a área técnica e de instalações da piscina, ao mesmo tempo que cria uma zona de arrumos que serve a casa, com especial foco no armazenamento de lenha para a lareira e churrasqueira. A sua localização escolhida foi a área a noroeste, pela maior amplitude do terreno que este equipamento exigia, assim como a excelente exposição solar e desafogo desta zona.

No que diz respeito à área destinada ao convívio, manteve-se a forma paralelepipedal pura, mas, com a ordem de pensamento inverso. A forma é desta vez estendida no sentido negativo, subtraindo uma área de solo que permita ao utilizador sentar-se abaixo da cota zero.

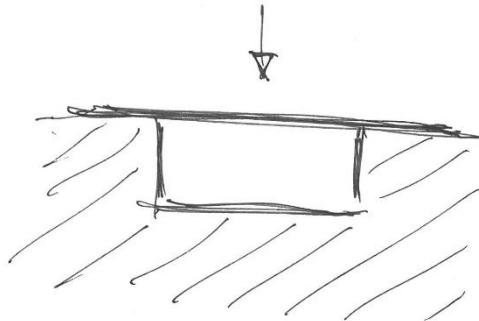


Figura 45 - Negativo da fogueira

É pretendido, com isso, que ao sentir-se envolvido pelas paredes, estas lhe transmitam um sentimento de abrigo, proteção e conforto.

Afim de proporcionar atividades exteriores noturnas, foi também desenhada uma lareira amovível para esta área.

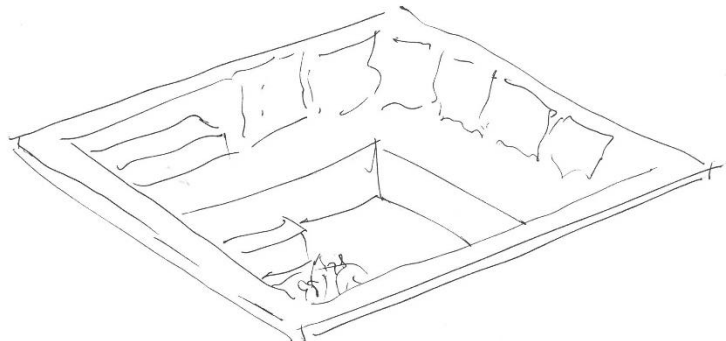


Figura 46 - Perspetiva da área de lazer

No que diz respeito à área de churrasco e de refeições, foi escolhida a zona nordeste, pelas características de sombreamento e privacidade que proporciona. O primeiro fator a ter em conta foi o desnível existente no terreno. Por consequência do desaterro feito na sua cota mais alta devido às necessidades do projeto, foi possível aqui também reduzir a diferença entre as suas cotas mais alta e mais baixa de 2.66m para 1.04m. A fim de podermos utilizar as duas áreas, foi vencido esse desnível por meio de uma pequena escadaria ou, se assim desejado, por uma rampa de 19% de inclinação.

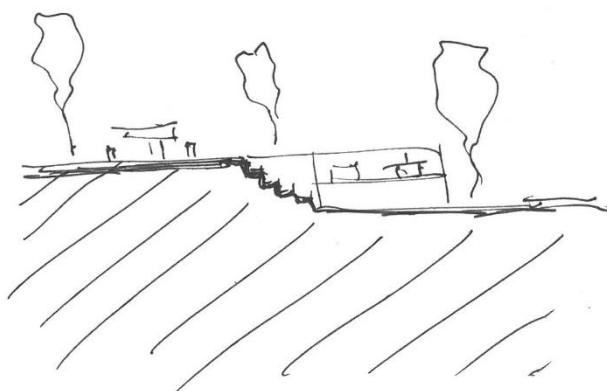


Figura 47 - Esquiza em corte pela área de refeições

Perante as duas áreas ligadas agora entre si, foi possível diferenciar a área de comer da área de cozinhar. Na cota mais alta a área de comer, usufruindo de uma ligação mais próxima com a área de piscina e uma atmosfera mais desafogada. Na sua cota mais baixa a área de cozinhar, mais resguardada dos ventos de norte e com acesso descomplicado à cozinha interior da casa.

A sua forma sustenta-se também na geometria paralelepipedal, sendo desta vez um intermédio entre os dois conceitos anteriores pois, a forma básica da qual partimos, tem a sua face anterior soterrada e a sua face posterior inteiramente à vista.

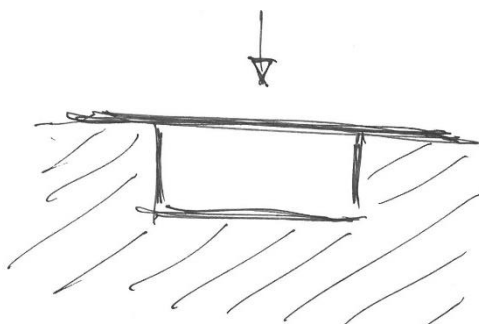


Figura 48 - Conceito de paralelepípedo semienterrado

Mediante isto, foram então subtraídas as 3 faces do paralelepípedo que se encontravam à vista, ficando assim com a face da base em contacto com o chão e as duas faces laterais que serviram

como muro de suporte do terreno. Entre as duas faces laterais foi desenhado um plano horizontal servindo a função de bancada, em madeira, onde pousam a churrasqueira e uma pia de pedra granítica encontrada na casa que, diz o Sr. Manuel Henriques, ter sido ele próprio a esculpi-la servindo originalmente a função de bebedouro para os seus animais.

Perante estes três elementos essenciais, surgiu então a necessidade de os envolver por zonas ajardinadas, para que se apresentassem como um todo e, ao mesmo tempo, colaborassem na pretendida harmonia da casa com a natureza envolvente. Após vários estudos, foi decidido que a procura de uma forma de linguagem orgânica seria o caminho a tomar, a fim de quebrar a geometrização das volumetrias criadas e, ao mesmo tempo, conseguir uma melhor integração com a envolvente paisagística.

Definida a linguagem, partiu-se então para a procura de um conceito que permitisse, de forma racional, obter uma geometria que interligasse as áreas exteriores mais relevantes do projeto. Para isso, traçaram-se circunferências em volta destas, de forma a destacá-las, como é possível ver na figura 49 .

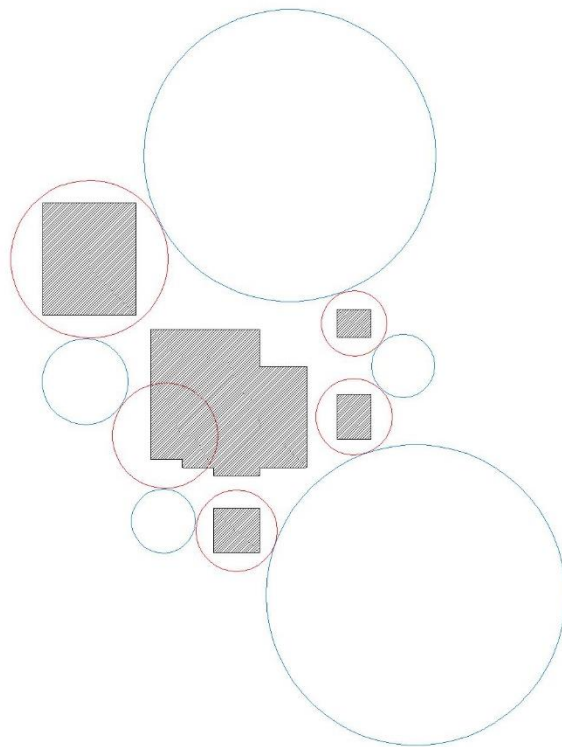


Figura 49 - Circunferências em volta dos elementos essenciais

De seguida, foram traçadas novas circunferências interligando-as entre si, a fim de obter um percurso orgânico e que permitisse percorrer todo o terreno envolvente à casa.

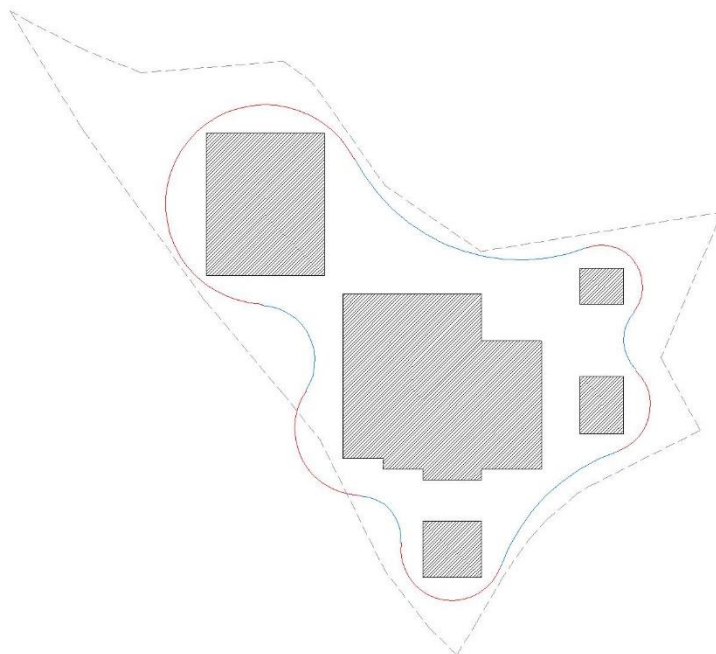


Figura 51 - Interligação de circunferências

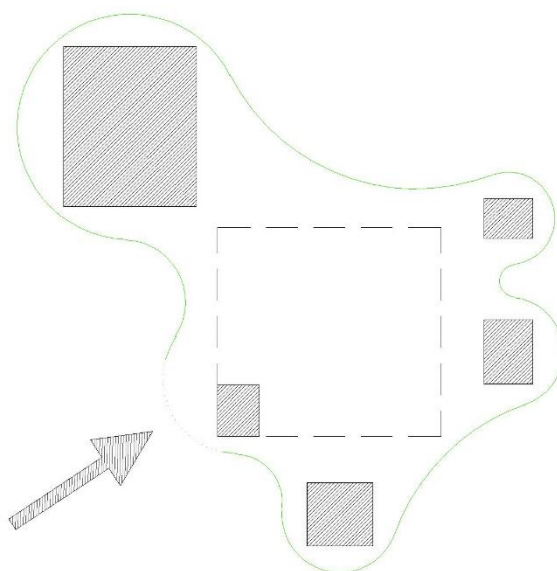


Figura 50 - Forma final

Por se tratar de uma casa de férias, é prevista a colocação de vegetação que dispense uma grande manutenção, privilegiando as espécies locais, sendo estas na sua maioria plantas Mediterrânicas Silicícolas, das quais podemos destacar as seguintes: carvalhos-alvarinhos (*Quercus róbur*) ou negrais (*Q. pyrenaica*) com sobreiros (*Q. suber*) e azinheiras (*Q. rotundifolia*). Com estratos arbustivos caracterizados pela presença de tojos (*Ulex* spp.), urzes (*Erica* spp.), estevas (*Cistus* spp.), medronheiros (*Arbutus unedo*), giestas (*Cytisus* spp.), carqueijas (*Pterospartum tridentatum* subsp.) ou sargaços (*Halimium lasianthum* subsp. *alyssoides*)¹⁰.

¹⁰ Jardim Botânico UTAD | Coleção Temática Mediterrânicas Silicícolas ; Acedido a 15 de Junho de 2018; Disponível em https://jb.utad.pt/ctematicas/mediterranicas_silicicolas

5.3 Maquete da proposta



Figura 52 - Conjunto de fotografias da maquete de estrutura da proposta

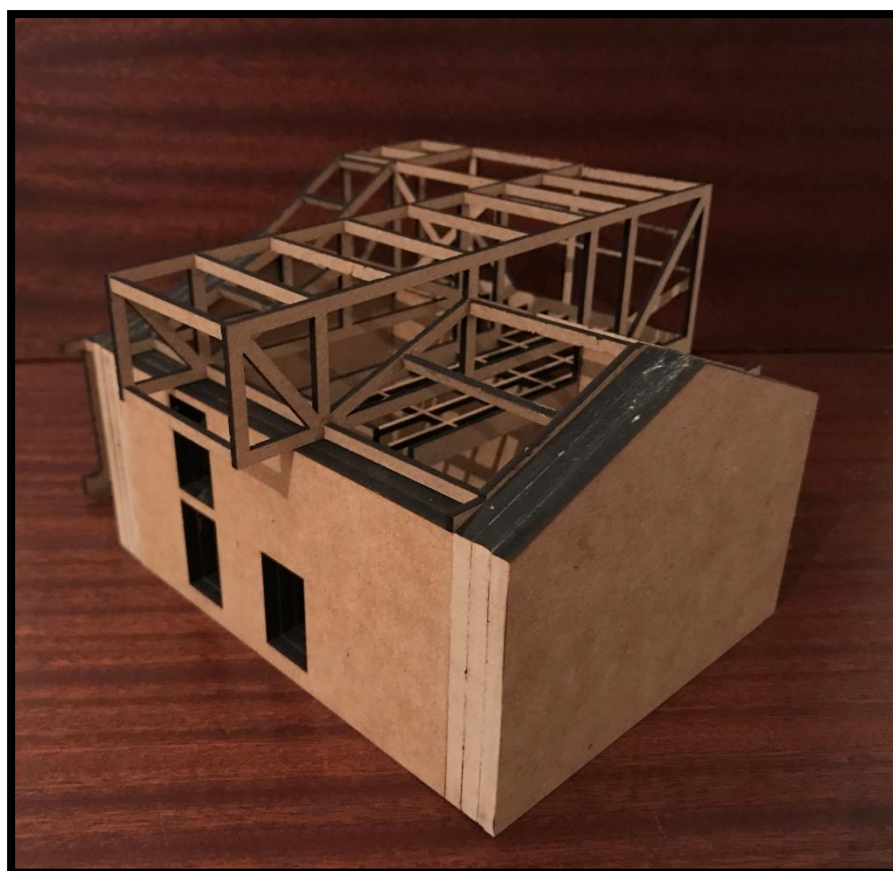
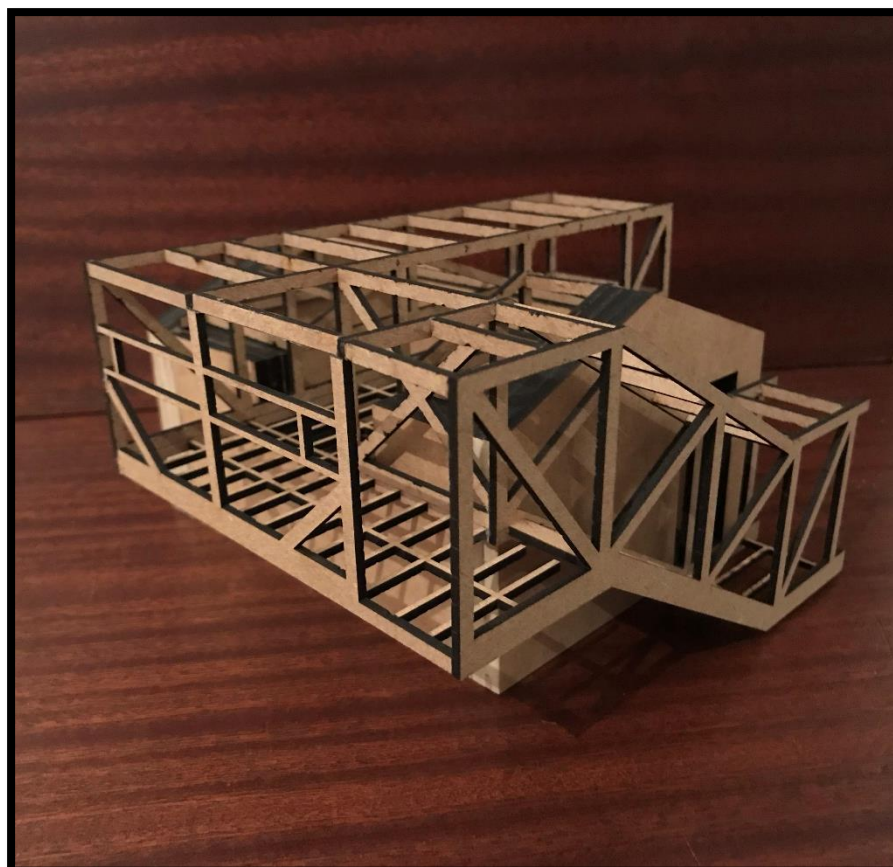


Figura 53 - Conjunto de fotografias da maquete de estrutura da proposta



Figura 54 - Conjunto de fotografias da maquete da proposta final

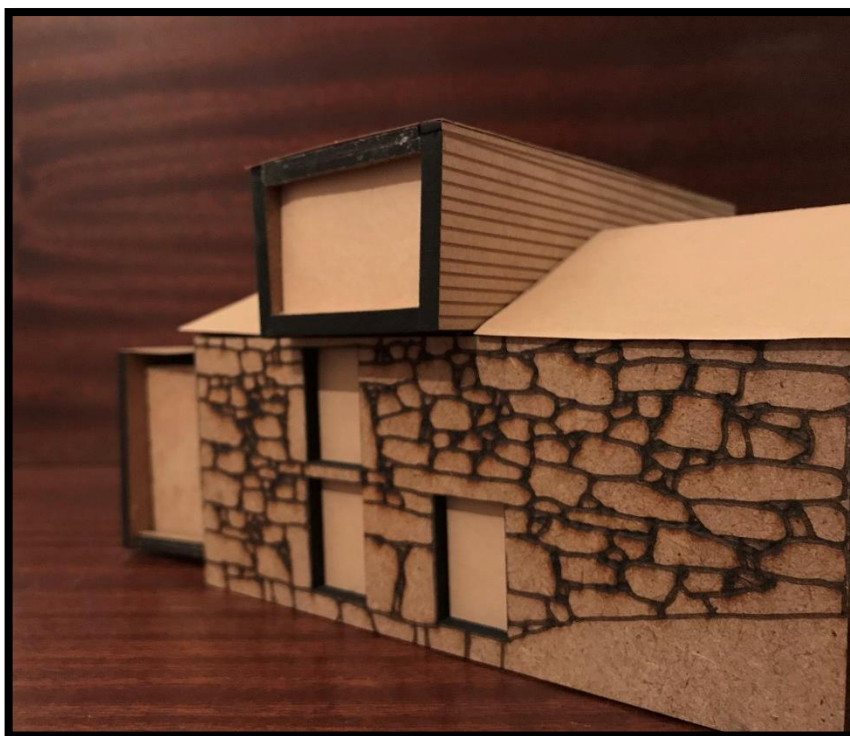
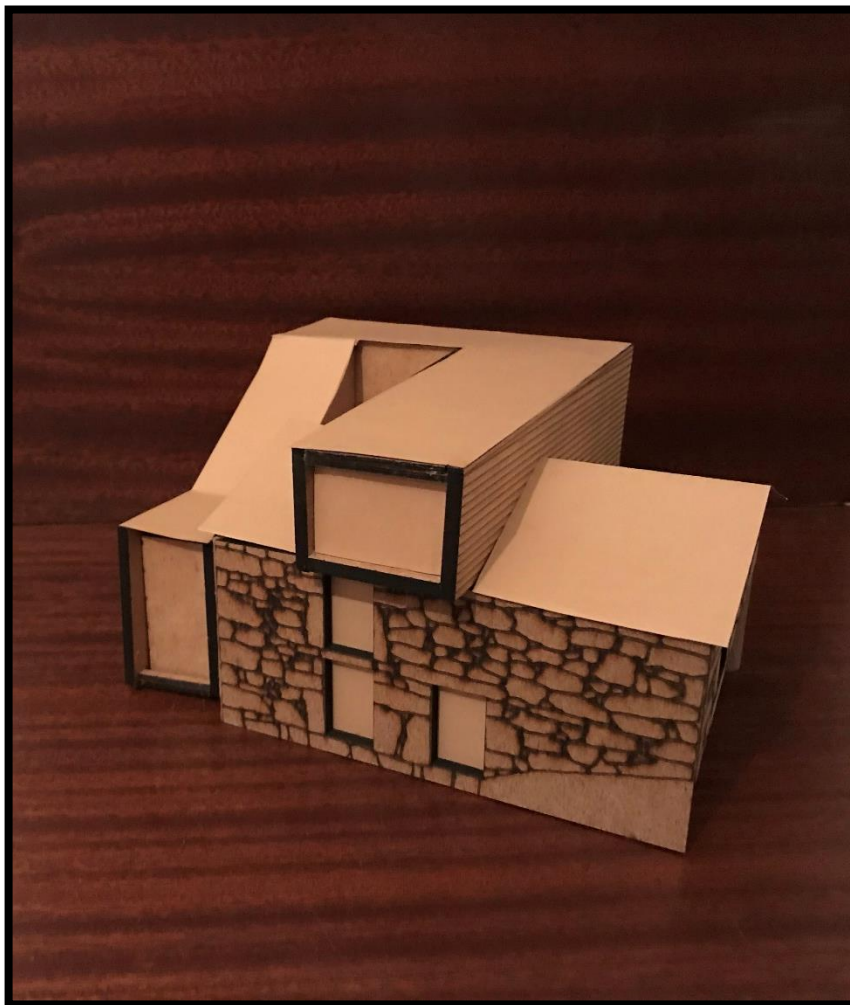


Figura 55 - Conjunto de fotografias da maquete da proposta final

Uma casa com passado, um passado com futuro: Reabilitação de habitação vernacular

Considerações finais

Sendo este um trabalho de carácter prático, o grande foco de atenção centrou-se sempre em volta do objeto a intervir.

Por estarmos perante uma casa centenária, foram exigidas toda uma série de etapas antes de poder iniciar a fase projetual. Em primeiro lugar, era essencial compreender na integra o objeto de estudo, desde o contexto em que este se insere até à fase de pormenor. Nesta etapa foram obtidos conhecimentos de grande importância para a proposta de projeto, pela forma particular como foi contruído, os hábitos e as formas de habitar que se geraram perante este e de que forma foi preservado ou alterado até aos dias de hoje.

O seu levantamento com precisão revelou-se uma mais valia pois, através do levantamento direto, foi possível obter as medidas reais com as quais teríamos de trabalhar e, através do método fotogramétrico obter uma leitura autêntica das suas fachadas.

O facto de existir a possibilidade de voltar ao local diversas vezes, tendo um contacto direto com o objeto, permitiu ao autor adquirir uma melhor noção entre a realidade e o desenho, desenvolvendo a capacidade de criação de um mapa mental da casa, as suas dimensões e a composição de todos os seus elementos.

A nível conceptual, cumpriram-se os diversos objetivos, pois foi possível responder ao programa através de uma arquitetura modular, que permitiu a criação de uma forte interação entre as áreas interiores e exteriores, com foco para uma utilização de carácter mais lúdico, por ser esta uma casa abrigo de férias. A sua estética atende ao objetivo pretendido de fundir a pré-existência com uma linguagem contemporânea, mediante a escolha de técnicas construtivas vernaculares, com maior foco para o uso de materiais ecológicos, como a madeira, pedra e cortiça.

Este trabalho, revelou-se uma oportunidade muito gratificante para o autor de explorar e desenvolver os seus conhecimentos na área da reabilitação, onde perante uma casa com a qual o autor sente uma grande afinidade pelo que o passado desta representa e, à qual, este teve agora uma oportunidade de repensar o seu futuro.

Referências bibliográficas

Livros:

Arquitetura Popular Em Portugal. 4 ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 2004.

MASCARENHAS, Jorge. *Sistemas de construção XV: Arquitetura Popular Portuguesa*. 1 ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2015.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga; **GALHANO**, Fernando. *Arquitetura tradicional portuguesa*. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

MACHADO, José Luís Pinto. *Habitação Rural*. 3 ed. Lisboa: Livraria Popular Francisco Franco, 1987.

NEVES, José Manuel. *Portuguese Restored Houses*. 1 ed. Lisboa: Uzina Books, 2014.

MINGUET, Anna; **MARTINÉZ**, Patricia. *Modular Loft*. 1 ed. Barcelona: Monsa ediciones, 2017.

LANZINHA, João Carlos Gonçalves. *Reabilitação de edifícios: Metodologia de Diagnóstico e Intervenção*. Covilhã: Fundação Nova Europa - UBI, 2009

Lofts. 1 ed. Barcelona: Frechmann Kolón GmbH, 2013.

LENGEN, Johan Van. *Manual do Arquitecto Descalço*. 2ed. Lisboa: Dinalivro, 2010.

LE MOS, João Marinho de. *Celorico de Basto entre o Passado e o Futuro*. Câmara Municipal de Celorico de Basto, 1988.

Documentários:

BROCHADO, João Nuno. *Uma Montanha do Tamanho do Homem* (Documentário). Cimbalino Filmes, 2014. (93 min.) DVD.

SERRA, Pedro. *Que Estranha Forma de Vida* (Documentário), 2015. (110 min.) DVD.

Dissertações:

DINIZ, Fernando. *Levantamento Arquitectónico para Intervenção no Património Vernacular Edificado - Casos do interior beirão.* Tese de dissertação para obtenção do Grau de Doutor de Arquitetura. Universidade da Beira Interior. Covilhã agosto de 2014.

RODRIGUES, Artur. *Proposta de Reabilitação de Habitação em Meio Rural - Sítio da Mãe-de-Deus, Ilha da Madeira.* Tese de dissertação para obtenção do Grau de Mestre de Arquitetura. Universidade da Beira Interior. Covilhã, fevereiro de 2016.

CARVALHO, Michel. *O pequeno lar que ficou para trás: reabilitar o vernacular mínimo.* Tese de dissertação para obtenção do Grau de Mestre de Arquitetura. Universidade da Beira Interior. Covilhã, fevereiro de 2018.

Uma casa com passado, um passado com futuro: Reabilitação de habitação vernacular

Anexos

Anexo I - Transcrição da entrevista a Manuel Henriques

Entrevista realizada a Manuel Henriques a 14 de Julho de 2017. O entrevistado é o proprietário da casa em estudo, tem 81 anos, e é morador da aldeia de Pereira, local onde nasceu e viveu grande parte da sua vida. O objetivo desta entrevista foi obter informações sobre a casa, assim como do povoado onde habita.

F.H. (Francisco Henriques): Olá avô, como lhe disse, estou a fazer um levantamento de algumas casas antigas da aldeia e queria saber se me podia responder a algumas perguntas. Sabe-me dizer quantos anos tem esta casa?

M.H. (Manuel Henriques - após uma pausa): Tem mais de cem anos. cento e dez anos mais ou menos. A minha mãe era pequena, tinha oito anos quando a fizeram.

F.H.: E quem a mandou fazer?

M.H.: Quem a mandou fazer foi a minha avó. Ela fez isto e mal a teve feita, morreu. A minha mãe tinha oito anos e tinha dois irmãos mais velhos e uma irmã. Tinha um que tinha doze, o meu tio com dez e tinha outra com seis. Eles andaram sempre por aí “desempalheirados”, sempre por uma banda e por outra, a servir. Tinham uns campitos, mas eram pequenitos, não sabiam granjeá-los. Andaram a servir até depois casar. Depois vieram para aqui e já granjeavam aqui estes campitos, mas primeiro andaram aí assim por uma banda e por outra, de criados.

F.H.: Para fazer uma casa destas tinham de ir buscar pedra lá acima ao monte?

M.H.: Bom, eles aqui até arrancariam muita ali na corte, porque isto é tudo em pedra, lá atrás é tudo em pedra e aqui a diante também está. Eles quando fizeram o “desterro” já arrancaram aqui a pedra, se calhar já quase toda.

F.H.: Então acabaram por partir aqui da parede, do penedo que tinha ali para fazer a casa.

M.H.: Era uma rocha, não era penedo, era uma rocha dura, como ainda está ali por trás, se abrir a porta vê-se a pedra até lá arriba, mas é pedra maciça.

F.H.: A casa agora é sua, não é?

M.H.: Agora é minha.

F.H.: Ela já chegou a ter caseiros ou a estar alugada?

M.H.: Não, foi sempre da família. Era da minha mãe e dos meus tios. Assim que partiram tocou à minha mãe e da minha mãe ficou para mim. Era eu e a minha irmã, mas a minha irmã ficou noutra banda e eu fiquei com a casa.

F.H.: A casa tinha algum apelido?

M.H.: Não, até não tinha decerto.

F.H.: Em cima era a parte de habitação, não era?

M.H.: Era, e por baixo era para ter os animais: ovelhas, cabras, toiras ou vacas, uma corte para uma coisa e outra para a outra.

F.H.: Cá fora já existia a eira?

M.H.: A eira podes pô-la, mas fui eu que a fiz depois, aqui era uma horta. Eu é que depois não tinha eira nem espigueiro nem nada. Eu é que aplanei-a, preguei-lhe uma camada de cascalho, preguei-lhe uma camada de cimeiro por riba e pronto.

F.H.: Pois, porque antigamente elas eram todas em pedras retangulares, não eram?

M.H.: Eram, como esta outra que está aqui ao lado, do Manel do Bento. Mas eu esta, ainda me lembro de ser em terreira, depois é que fizeram com pedra. Era terreira e apanhavam a bosta do gado e amassavam-na bem amassada como quem amassa o barro, com água, e depois faziam um basculho grande com “fentos”, andavam por cima a espalhar, depois aquela bosta secava e aquilo era duro, dava para varrer com a vassoura e tudo, malhavam lá o centeio e tudo. Mas eram muitas eiras assim. Olha era uma miséria! Quem se lembra como eu me lembro que ainda não vai à grandes anos, como o mundo estava atrasadinho. Mas não era só Pereira! Nem só Portugal. A França também estava atrasada quando eu fui para lá. Não faltava quem andasse com as calças rotas e todos sujou naquelas terras e a viver bem mal naquelas barracas, como lhe chamávamos.

F.H.: A casa em cima tinha quartos ou alguma cozinha?

M.H.: Não, foi sempre assim, toda aberta. Porque o meu pai ainda a queria dividir, mas a minha mãe dizia que depois não havia largueza para botar batatas, não havia onde botar espigas, não havia nada, então botava-se lá para um canto, as camas para outro, a cozinha estava cá para diante, e as caixas também para outra banda. Lá estava numa banda batatas, noutra banda espigas, comia-se noutro lado cá para diante, as camas mais para aqueles cantos e assim se vivia.

F.H.: E dentro, o chão era em madeira?

M.H.: Era, de pinho. E ainda lá estão tábuas daquele tempo.

F.H.: Como é que faziam, ainda não havia pregos?

M.H.: Não, nesta maré já havia pregos. Nas mais antigas não havia. Até na casa onde o teu pai nasceu, lá adiante no Outeiro das Quintas, lá não vivia ninguém, os caseiros estavam na outra casa de baixo e aquela era para palheiro e depois nós fomos para lá de caseiros, estivemos lá sete anos, eu dois anos e os meus pais cinco. Mas ela estava toda mal-ajeitada, e depois fui para lá eu e um carpinteiro, o Sr. Zé do Barreiro. Eu fui para lá ajudá-lo, tirámos a telha toda, reparámos os caibros, metemos ripas. E para os pregos a madeira era toda de castanheiro, madeira boa, e os pregos eram uns torninhos. Faziam um buraco com uma barruma, metiam aqueles tornos delgadinhos e lá estavam duros na mesma. Às vezes algum caibro que tivessem de arrancar ou que quebrava, por dentro estava são na mesma. A madeira de castanheiro é eterna. Ainda me lembra de haver um tonel ali do Morgado, um tonel grande, e os arcos eram de madeira, de loureiro. Rachavam-na a meio, sobrepunham-se assim umas nas outras, e depois com vergas, parece-me que eram de codessos até, atavam-nos bem atados, porque não havia arame nem havia nada, e apertavam e tinham mão no vinho.

F.H.: A casa aqui, por cima era de colmo?

M.H.: Não, nunca teve colmo. Foi sempre telha, mas era desta telha velha. Vinha de Prado, ali para os lados de Braga, Pico. Havia lá uma fábrica de fazer desta telha. O meu bisavô, pai da minha avó, que morava nas casas do Paço, era carreiro, com os bois, e ia lá buscar a telha. Desde que saía levava dois ou três dias a chegar cá.

F.H.: Então e a pedra da casa era toda daqui não era. Eles partiam-na aqui já com as medidas?

M.H.: Não, arrancavam-nas conforme ela calhasse de sair, conforme aquelas bredas, metiam-lhe os grilhos e elas escachavam para os lados, e aproveitavam a melhor. Tem umas maiores, tem outras mais pequenas a calçar mais adiante, depois botavam-lhe outras maiores por riba.

Como aquela casa ali em frente, também foi na mesma. Aquela quando a minha avó fez esta, aquela já era casa com nome, chamavam-lhe a do Tojeira, Casa do Tojeira.

F.H.: E como é que partiam a pedra antigamente?

M.H.: Partiam à mão. Tinham uns ponteiros assim de dois palmos, ainda aqui está um até e com uma maceta pequena como eu tenho ali, faziam umas nichas pequenas pelo correr da pedra, com uma distância de mais ou menos um palmo. Depois tinham uns guilhitos pequenos, chamavam-lhe uns piçotes, assim grossinhos e pequeninos. Depois metiam-nos naquela niche, davam-lhe uma marretada até empancar, depois nos outros, depois com uma maceta maior, uma porrada em cada um, a eito, e quebravam esses penedos como eles quisessem.

F.H.: Aqui o granito é praticamente todo azul não é?

M.H.: Sim. Há aí algumas casas amarelas, que a pedra veio lá de baixo de Mondim, mas já foi mais tarde.

F.H.: As madeiras também são daqui?

M.H.: As madeiras foram à fábrica buscá-las, ali à Cumieira. Havia ali uma serragem grande, e parece-me que ainda há, mas a maioria já estão ali na Vacaria, chamam-lhe a zona industrial.

F.H.: E para esta também vieram de lá?

M.H.: Não, para esta vieram da Gandarela, havia lá uma serragem a água, o meu avô é que foi lá buscá-la. Com o carro de bois.

F.H.: E a madeira, não era muito trabalhada ou era?

M.H.: Não, era só a serra e está bom. Depois alguma coisa que quisesse endireitar eram eles aqui. A maior parte aqui era com o serrão, uma árvore que se botasse abaixo. Havia um serradoiro lá abeira do Bento, que era da Quelha, fizeram lá um serradoiro e estava lá, quem quisesse eles deixavam-no lá serrar. Havia outro ali no Morgado. E Havia outro onde é o Zé do Ferreiro. Havia lá um barracão, o dono foi para o Brasil e nunca mais tornou. Morreu-lhe a mulher, ele tinha quatro filhos, pegou nos filhos, levou-os para o Brasil e nunca mais cá tornou. Tinham ali o serradoiro e o povo ia lá. Chegavam lá com os machados, punham aquilo a jeito, depois com uma linha de lã, torciam aqueles fios de lã, molhavam-nos e enfarruscava-nos na padieira do forno para o sujar, punham-se um de cada lado, esticavam-na bem, iam ao meio, erguiam a linha, largavam-na e ela batia e já ficava a linha feita, que era por onde havia de passar o serrão.

F.H.: Esta casa ainda está bem conservada não está? Ainda guarda lá coisas, não chove lá dentro nem nada?

M.H.: Não, não chove, podes ir ver, a porta está aberta. Aqui em baixo nas cortes, vêes como era lá por trás?

F.H.: Pois é, tem a parede toda lascada.

M.H.: Foi conforme eles quebravam, saía aquela mais fraca, e as maiorzitas aproveitavam-nas para fazer as paredes, já arrancavam aqui umas pedras boas.

F.H.: Tem ali uma trave grossa também.

M.H.: É, foi de uma carvalha, cortaram-na, e puseram-na aí, é só esfalcar. E na Boavista também está de uma banda à outra, e não tem nada em cimento a ter mão, é uma carvalha com o pé para acolá, outra com o pé para aqui, assim como quem põe sardinhas num tacho, atravessadas, e perto umas das outras. E não tem barrotes nem nada, os pregos são em riba daquelas carvalhas, que vão desde a porta até à outra banda do caminho.

F.H.: São grandes são, também já as estive lá a ver.

M.H.: E às vezes tinham lá mais de cem pessoas dentro, a cantar e a dançar até de manhã! E aquilo dava bem para dançar porque mesmo assim o povo era muito e aquilo balançava.

Mas estás a ver aqui, era tudo pedra.

F.H.: Tiveram muita pedra para tirar.

M.H.: Pois foi, já naquele tempo até devia de haver pedra até aqui mais para diante, e depois cortaram. Isto era tudo rocha. Quebraram e arranjaram a pedra para aqui.

F.H.: Até para os muros?

M.H.: Os muros depois já foi o meu pai que fez, e estas leiras por aqui arriba foi ele que as ajeitou todas.

Vês esta táboa, ainda é daquele tempo, de quando ela foi feita. As traves, esta já foi botada, aquela ainda é a mesma. A maior parte dos caibros, aquelas soleiras, ainda é tudo o antigo.

F.H.: Este cume ainda é o original?

M.H.: O cume é, o cume ainda é o mesmo.

E era assim, ela até era grande sabes, era o que nos valia, aqui tínhamos os caixotes, tinha a cama acolá, outra aqui neste canto, depois as caixitas por aqui, depois um monte de espigas ali, um monte de batatas noutra banda, outras botavam-se para debaixo das camas.

F.H.: Ela até não tinha grandes janelas!

M.H.: Tinha a porta e a janela, mais nada.

F.H.: Aquela janela tinha uma porta, mas não tinha varanda?

M.H.: Não, era como está, tinha um janelico na porta, abria-se o janelo e a porta abria-se raras vezes. Quando fosse de verão abria-se, para dar a fresca.

Anexo II - Relatório de levantamento do edifício

Dados gerais

Localização: Aldeia de Pereira, pertencente à freguesia de São Clemente, concelho de Celorico de Basto, distrito de Braga, Região Norte, Sub-região do Tâmega (Terras de Basto).

Dados específicos

Propriedade: O proprietário atual é o Sr. Manuel Henriques, herdeiro da família Henriques, que originalmente construíram esta casa.

Uso original: O seu uso original foi de habitação para a família Henriques e cortes para os seus animais. Atualmente não se encontra habitada sendo utilizada apenas como zona de arrumos de colheitas e alfaias agrícolas.

Data de construção: A casa foi construída por volta de 1908.

Apelido: A casa não tem nenhum apelido.

Caraterísticas Relevantes

Número de pisos: Esta habitação é composta por 2 pisos.

Acesso: Os acessos à área da casa são feitos por um caminho em terra, com cerca de 60 metros, que posteriormente liga a um curto acesso secundário, em alcatrão que o une à via principal. Já na habitação, fazem-se por uma rampa exterior, com pavimento em pedra, da qual resultam primeiramente duas entradas no rés do chão para as cortes, e posteriormente a comunicação com um pátio exterior, de onde se acede à zona de habitação, localizada no 1º piso. Não existe comunicação entre pisos pelo interior.

Volume e forma: A edificação apresenta uma planta retangular com 2 divisões no piso do rés do chão, e no 1º piso, de habitação, uma planta de livre, sem qualquer tipo de divisão física. É formada por um único corpo, com cobertura de duas águas em chapa de zinco ondulada. É de dimensões reduzidas e o seu pé direito livre bastante baixo.

Distribuição: Na planta inferior localizam-se as cortes dos animais e no primeiro piso a zona destinada à habitação da família. Como a sua área é reduzida, a solução de uma planta livre, de maneira a permitir uma maior amplitude na zona de habitar, foi a solução adotada até aos dias de hoje.

Fachadas: O alçado principal está orientado para sudeste, onde se localiza a única janela da habitação e as duas portas de acesso às cortes, a nordeste a porta de acesso principal e 2 empenas cegas, uma a noroeste e outra a sudoeste. A casa permanece de acordo com a configuração original.

Materiais: O granito é o material dominante, sendo utilizado para a construção das paredes, cunhais e esquadrias de portas e janelas. É utilizado também para o solo no piso inferior, sendo que este já existia no local, tendo sido apenas talhado. A madeira é essencialmente Carvalho e Pinho, sendo o Carvalho a matéria prima utilizada para a construção das estruturas do pavimento e da cobertura, e o Pinho para o soalho e carpintarias interiores. O ferro está presente nas ferragens das carpintarias.

Paredes: A casa é sustentada por paredes portantes, em alvenaria de junta seca de granito. Os blocos de granito que as constituem foram extraídos diretamente do local, e talhados de forma tosca, de tamanhos e formas variáveis, com dimensões que oscilam entre os 40cm e 60cm de largura. Para os cunhais e esquadrias foram utilizados blocos de maior dimensão, de forma a garantir uma maior estabilidade.

Vãos: Os vãos têm as suas esquadrias compostas por soleiras, ombreiras e padieiras construídas em peças de granito, mais cuidadas e de maior dimensão. As portas e janelas foram feitas em madeira de Pinho, matéria prima existente em abundância nas proximidades da aldeia. Eram construídas em réguas paralelas, na vertical, e ligadas por outras transversais a estas pelo interior, de maneira a garantir a sua segurança. Para as ligar era utilizado um segundo material, o ferro, que através de pregos e dobradiças completavam a peça. Eram completamente opacas, não existindo qualquer tipo de vidro na sua composição.

Pavimentos: Nesta habitação a estrutura foi executada em madeira de Carvalho, e o revestimento em madeira de Pinho. Sobre a vigas mestras, foram estruturadas outras vigas transversais a estas, de menores dimensões, sobre as quais eram pregadas as tábuas que compunham o soalho. O encastramento das vigas mestras é feito diretamente na alvenaria de granito.

Coberturas: Esta cobertura é construída recorrendo a uma estrutura de tesoura simples, em madeira de Carvalho. Originalmente era coberta com telha de canudo em cerâmica, mas foi, entretanto, substituída por chapa de zinco ondulada.

Escadas: Neste caso em particular não existem escadas de acesso, pois este é feito através de uma rampa esculpida numa pedra granítica existente no local.

Estado atual

Conservação: A casa apresenta um nível de conservação atual bom, dado que não é notório qualquer sinal de possa indicar a sua ruína iminente. Ao longo dos anos foi alvo de algumas obras em prol da sua preservação, principalmente no que diz respeito à cobertura e pavimento, mas, ainda assim, todos os elementos de carpintarias apresentam um nível de deterioração avançado. As paredes foram caiadas pelo interior.

Modificações posteriores: Foram construídos nas fachadas nordeste e sudeste da habitação 2 anexos, em blocos de cimento com cobertura em chapa de zinco ondulada e portas em madeira forrada com chapa de zinco lisa. Foi também construído um espigueiro com estrutura em betão, paredes em tijolo cerâmico perfurado e cobertura de telha cerâmica marselha. No edifício em questão, a modificação que mais se destaca foi a substituição da cobertura original em telha de canudo cerâmica para chapa de zinco ondulada. Todas estas modificações revelaram-se altamente descaracterizadoras em relação à construção original.

Infraestruturas: Este edifício não conta com qualquer tipo de infraestruturas básicas, como água, saneamento ou energia elétrica.

Notas

Ocupantes: A casa foi originalmente mandada construir pela avó do Sr. Manuel Henriques, que, segundo este, faleceu mal terminou a sua construção. Assim a casa ficou para os seus 4 filhos: 2 raparigas, uma com 6 anos e outra com 8 (a sua mãe), e 2 rapazes, um com 10 anos e outro com 12 anos. Após casar, a mãe do Sr. Manuel Henriques voltou para a casa, onde se dedicou à agricultura. Neste momento a casa encontra-se desocupada.

Fontes de informação: Os dados foram obtidos pelo herdeiro da habitação em causa, por meio de entrevista localizada no Anexo I - Entrevista a Manuel Henriques.

Observações pontuais: A casa não possui chaminé.

Elementos etnográficos: Dentro da habitação é possível encontrar 2 caixas de cereais originais, e um carro de bois com jugo ainda em boas condições num dos anexos da casa.